

# Eu e o Mundo

I Concurso Literário de Novo Hamburgo/RS

Rosemari Lorenz Martins  
Marinês Andrea Kunz  
(Organizadoras)

Créditos da Capa:  
Trabalhos da Convocatória Postal Alusiva ao Aniversário  
de Novo Hamburgo – nas edições de 2009 e 2010.

# Eu e o Mundo

I Concurso Literário de Novo Hamburgo/RS

Rosemari Lorenz Martins  
Marinês Andrea Kunz  
(Organizadoras)



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil  
2012

PRESIDENTE DA ASPEUR  
Argemi Machado de Oliveira

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE  
Ramon Fernando da Cunha

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Inajara Vargas Ramos

EDITORA FEEVALE  
Celso Eduardo Stark  
Daiane Thomé Scariot  
Grazielle Borguette Souza  
Tiago Ignácio dos Santos

REALIZAÇÃO  
SECULT – Secretaria Municipal de Cultura de Novo Hamburgo  
Universidade Feevale  
Escola Conquistadora

CAPA  
Celso Eduardo Stark

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA  
Celso Eduardo Stark  
Daiane Thomé Scariot

REVISÃO ORTOGRÁFICA  
Rosemari Lorenz Martins

PREFEITO MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO  
Tarcísio João Zimmermann

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA DE NH  
Anita Lucas de Oliveira

COORDENAÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO  
Anita Lucas de Oliveira - SECULT  
Marilza Kreche Bitencourt - SECULT

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Universidade Feevale, RS, Brasil  
Bibliotecária responsável: Tatiane Oliveira de Oliveira – CRB 10/2012

Eu e o mundo [recurso eletrônico] : I concurso literário de Novo Hamburgo-RS / Rosemari Lorenz Martins, Marinês Andrea Kunz (organizadoras) – Dados eletrônicos – Novo Hamburgo : Universidade Feevale, 2012.  
95 p.

Modo de acesso: World Wide Web  
<[www.feevale.br/editora](http://www.feevale.br/editora)>  
ISBN: 978-85-7717-140-8

I. Poemas. 2. Literatura. I. Martins, Rosemari Lorenz. II. Kunz, Marinês Andrea. III. Título

CDU 82-1

© **Editora Feevale** – Os textos assinados, tanto no que diz respeito a linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e, não expressam necessariamente a opinião da Feevale. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

#### **Universidade Feevale**

Campus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 – CEP 93510-250 – Hamburgo Velho – Novo Hamburgo – RS  
Campus II: ERS 239, 2755 – CEP 93352-000 – Vila Nova – Novo Hamburgo – RS  
Fone: (51) 3586.8800 – Homepage: [www.feevale.br](http://www.feevale.br)

# APRESENTAÇÃO

*“Escrever vai muito além das regras impostas por qualquer sistema teórico ou didático: é um modo privilegiado de se descobrir e desvelar humanamente a experiência imperdível de viver”.*

Início a apresentação desta publicação com a frase do escritor, roteirista e professor universitário de Literatura Brasileira Jorge Miguel Marinho, defendendo que, no fundo, todos querem escrever porque a escrita resulta de uma motivação natural de fazer com que a experiência individual de cada um se torne um meio de comunicação com o mundo.

Esta publicação apresenta os melhores textos do I Concurso Literário de Novo Hamburgo, cujo tema era Eu e o Mundo. Essa iniciativa promovida pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, através da Secretaria de Cultura, no ano de 2010, serviu de aporte para as realizações das demais atividades prévias à Feira do Livro, na 28ª Edição. O Concurso teve a intenção de fomentar e incentivar a prática da escrita e, não só isso, estimular àqueles que escrevem a mostrarem suas produções.

A solidão (mesmo com muitas pessoas a sua volta); a falta de tempo para pessoas que se ama (ou devem ser amadas); a beleza do mundo que nos cerca (e que não vemos); a destruição da natureza (sem pensarmos que é a nossa própria destruição); a guerra e suas consequências (para as pessoas e o mundo); as drogas e a violência urbana (que sem vermos está muito perto de nós) são os temas dos diversos trabalhos desta coletânea.

No momento de fazer os agradecimentos, quero agradecer a toda a equipe da Secretaria de Cultura que me acompanha nesta gestão. Agradeço à equipe julgadora dos trabalhos, que dedicou tempo para a avaliação, assim como à Universidade FEEVALE, pelo apoio à publicação digital desta obra e pela editoração para a publicação física do livro.

Agradeço muito especialmente a todos os participantes deste nosso I Concurso Literário de Novo Hamburgo, que se dedicaram e apresentaram estes trabalhos, que, a partir de agora, partilhamos com quem os lê.

Anita Lucas de Oliveira  
Secretária Municipal de Cultura de Novo Hamburgo/RS  
Julho 2011



PREFEITURA DE  
**NOVO HAMBURGO**  
ADMINISTRAÇÃO POPULAR

Secretaria Municipal  
de Cultura  
SECULT

# SUMÁRIO

## CATEGORIA I - POEMAS

Diário de Bordo <i>Pedro Alves Valentim</i> .....	11
Que mundo é esse? (relatos de um girassol) <i>Gabriela Crestina Benkenstein</i> .....	12
Eu e o mundo <i>Bárbara Bianca Leonel Barboza</i> .....	14
Caminhos & Destinos <i>Igor Wilbert</i> .....	16

## CATEGORIA II - POEMAS

O Mundo dos Mudos <i>Isadora Souza</i> .....	19
---	----

## CATEGORIA III - POEMAS

Morte Anunciada <i>Dagmar Roswita Schünemann</i> .....	22
---	----

Eumundo	
<i>Ana Maria Brandão Bremer</i> .....	23
Mundo Circo	
<i>Geraldo Trombin</i> .....	24
Inconstância	
<i>Pâmela Vieira</i> .....	25

## CATEGORIA I - CONTOS

Valentina e o Mundo	
<i>Amanda Ew Santos</i> .....	27
O Resgate da Paz	
<i>Bárbara Uchoa Göttert da Silva</i> .....	35
O Mundo de Lucas	
<i>Ana Luiza Pereira Furlanetto</i> .....	39

## CATEGORIA II - CONTOS

Onze Semanas	
<i>Cristiane Hahner</i> .....	47
O Mundo sempre me surpreende	
<i>Laura Ungrad Ribeiro</i> .....	51
Um dia ensolarado	
<i>Graziele Laronka da Silva</i> .....	54

Mundos diferentes	
<i>Carolina Kauer</i> .....	58

### CATEGORIA III - CONTOS

Dedo sujo de tinta	
<i>Cristiano Enrique de Brum</i> .....	64

Eu e meu mundo	
<i>Eduardo de Paula do Nascimento</i> .....	68

O velho e a sacada	
<i>Daniel Fernando Gruber</i> .....	73

Graus de Liberdade	
<i>Fernando Joner</i> .....	85

<b>COMISSÕES</b> .....	<b>93</b>
------------------------	-----------





## **Diário de bordo**

*Pedro Alves Valentim*

25 de maio de 1999.

Em algum lugar do espaço,

Estou eu.

Maldito momento em que aceitei isso.

Entrei nessa sonda em busca de outros planetas.

Aqui estou eu.

Nenhuma descoberta,

Provavelmente esquecido.

Nenhum mantimento,

Sozinho, no infinito do espaço,

Me acostumando à solidão.

Desisto.

Um som estranho.

O som de um bip.

Estou no meu quarto.

Era tudo um sonho.

Só há um problema:

Ainda falta algo.

Ainda estou só.

## **Que Mundo é Esse? (Relatos de um girassol)**

*Gabriela Crestina Benkenstein*

Vivia em um quintal  
Onde tudo era extrema perfeição,  
Eu tinha o sol, a chuva  
E a alegria distribuídos em meu coração.

O vento sobre minha corola...  
Como era gostoso,  
Sentir o ar fresco  
De um mundo que eu julgava ser maravilhoso.

Um dia algo muito estranho aconteceu,  
Fui levada para um lugar diferente  
Tinha lixo, desmatamento  
E, ainda, muita sujeira pela frente...

Onde estou?  
Isto não pode ser real.  
É sonho?  
Não, é uma realidade que jamais vi igual.

Os gramados viraram indústrias,  
O ser humano virou matador,  
A cidade virou um entulho,  
Tudo ficou um tremendo horror.

E hoje estou aqui  
Esperando para voltar,  
Porque não há nenhum lugar  
Como o meu lar.

Não aguento ficar onde estou,  
Sonho em ver um lindo sol novamente,  
Pois aqui não há nenhuma lembrança  
De como era antigamente.

O que vejo me dá desespero:  
O homem fez o lixo dominar...  
E no meio de tanta poluição,  
Fica até difícil respirar.

Mas, acredito que,  
Ainda resta uma esperança,  
Basta o ser humano se preocupar  
E assim podemos fazer uma grande mudança.

O que estão esperando?  
Precisamos agir e pensar...  
Para que, juntos,  
Possamos o mundo salvar!



## **Eu e o mundo**

*Bárbara Bianca Leonel Barboza*

Serras elétricas,  
Morte, destruição,  
Lixo, tristeza,  
Doenças, solidão.

Queimadas, tragédias,  
Terremoto, furacão,  
Desmatamento, maldade,  
Assassinos, extinção.

Políticos corruptos,  
Roubos, exploração,  
Crianças com fome,  
Abortos, poluição.

São tantos problemas  
E poucas soluções,  
Muitas tarefas,  
Poucos “mutirões”.

Queria ter o poder  
De consertar o mundo,  
Mas, sozinha, não consigo  
E nem sei controlar tudo.

Para purificar um rio,  
Não adianta apenas limpar,  
Se não tomarem apenas consciência,  
E pararem de sujar.

Florestas bonitas,  
Vida, união,  
Alegria, poesia,  
Rio sem poluição.

Crianças na escola,  
Recebendo educação,  
Políticos fazendo  
O melhor para a nação.

São tantos problemas,  
Mas existem soluções,  
Consertaremos nosso mundo  
Para as próximas gerações.

## **Caminhos & Destinos**

*Igor Wilber*

Porque aqui me encontro,  
Muitas vezes questioneei.  
Estarei eu a passeio,  
Ou simplesmente retornei.

Eu e o mundo interagindo,  
De nada entender, tenho receio.  
Ouço, falo e opino,  
Afinal, não estou sempre de recreio.

Ao meu redor vejo vagueando,  
Pessoas, animais com minhas fantasias.  
Amigos imaginários, duendes e coelhos apressados,  
Coisas que minha mente cria e recria.

*O mundo é tão estranho,  
Tanta gente eu encontro.  
Neste vai e vem das cidades,  
Este quebra-cabeça eu monto.*

Muita gente me diz:  
-Oi, menino, como vai?  
Respondo rápido a sorrir:  
-Muito bem, obrigado, e seu pai?

Ser sempre educado,  
É básico e estimulante.  
Por favor, com licença e obrigado,  
Fazem milagres e nunca é o bastante.

Neste mundo colorido,  
Como cata-vento a rodar,  
Estamos todos reunidos,  
Vivendo para uns aos outros ajudar.

Não somos problemas constantes,  
Temos problemas a superar.  
Então, temos muito assunto,  
Para este mundo melhorar.

Pseudônimo: GUNS



## **O mundo dos mudos**

*Isadora Sousa*

Diante dos fatos mostrados na TV,  
E dos jornais que podemos ler,  
Meu amigo, estou te perguntando:  
Este é o mundo? E ele mudou quando?

Pare e olhe, diga-me o que você vê  
Do outro lado da sua janela e diga-me por que  
Os valores do mundo mudaram? Mudaram em quê?  
O amor ainda é o sentimento de quem no bem crê?

Crianças matam cachorros na frente das mães,  
Ainda há preconceito entre negros e alemães.  
Adolescentes viciados em internet, computador,  
Não dirigem aos pais mais uma palavra de amor.

O cigarro deixou de ser a pior droga, o pior veneno,  
O crack é para todos a “parada” do milênio.  
Filhos roubam os pais para adquiri-lo,  
Depois morrem pelas consequências trazidas por aquilo.

Crianças engravidando, crianças abortando,  
Os pais incentivando, camisinhas comprando.  
Pais estuprando filhas, nós vemos e sabemos,  
O pior: Sim! Essa é a realidade que temos.

Candidato à presidência legalizando o aborto,  
Dar à luz, na verdade, um bebê morto,  
Todos querem fazer o trabalho de Deus, ainda,  
Pois, que eu saiba, é só Ele que tira a vida.

A água vai acabar, as plantas, secar,  
A culpa é de quem? Alguém quer arriscar?  
A sociedade hoje está separando-se da Igreja,  
Jovens não tomam mais água, só “curtem” cerveja.

Tudo isso é muito trágico, tudo isso acontece,  
Mas, depois de uma semana, todo mundo esquece,  
Brasileiro é assim mesmo, até cair a ficha,  
Vão pro bar tomar caipira e tudo acaba em pizza.



## **Morte anunciada**

*Dagmar Roswita Schünemann*

Terra nua  
Alma arada  
O vento sequeu destampa  
Qualquer sentimento embotado  
nesta planície desgastada  
É a vida violada  
Sem qualquer sombra, esquina  
Ou árvore que lhe empreste os galhos  
A tua morte anunciada  
Se fez desde menina,  
Assim  
Uma vida, sem sina  
Qualquer coisa  
que ocupe tuas retinas  
cansadas e vazias  
desocupadas  
vida sem fio  
sem qualquer faca amolada  
carne intacta  
imaculada  
a infância assassinada

## **Eumundo**

*Ana Maria Brandão Bremer*

Dentro de mim corre um rio  
Caudaloso  
Que em noite escura  
Sai derrubando  
Árvores sem aviso  
Eu de longe  
Só observo

Quando estou cansado de mim  
Vou às ruas  
Ver as gentes nos mercados sonâmbulos  
Às vezes volto para casa satisfeito  
Outras já nem tanto  
No espaço entre uma e outra vou levando a vida  
Nem bom nem ruim  
Vivendo simplesmente

Em algumas manhãs  
Debruço-me na janela para ver o mundo  
Observo alguém apressado que passa por mim  
Vejo neste mínimo instante  
Tudo o que poderíamos ser um ao outro  
Porém, o que parecia tão possível  
Vai se distanciando até virar a esquina  
Então esqueço

## Mundo Circo

*Geraldo Trombin*

Somos nada mais  
nada menos  
Do que circenses.  
Palhaços, sim!  
Com a obrigação de estamparmos  
O sorriso infantil e jovial  
Na cara do mundo,  
Feito o ato,  
O objeto do riso.  
Sim! Somos circenses,  
E a vida toda passamos  
Nos jogando  
Sobre a corda bamba  
Dos equilíbrios.  
E palhaçamos afins  
Porque por detrás de nós  
Existe o voo circense  
Da infância.  
E esse sorriso,  
Que, diga-se de passagem,  
É um tanto quanto compensador,  
Nos dá força e armas  
Para sempre palhaçarmos  
Na corda bamba,  
Na banda do riso.

## **Inconstância (Soneto)**

*Pâmela Vieira*

Tal como o vento veemente,  
Que não encontra a bonança;  
Ou como a árvore, que se movendo livremente,  
Busca o compasso de uma dança.

Também eu, tomada pelo impulso da paixão,  
Busco em muitos lugares uma saída,  
Percebo que estou enraizada neste chão  
E aqui está o ritmo da minha vida.

Nada como o tempo para mudar o pensamento;  
Foi apenas uma tempestade passageira,  
Sofri de emoção com o poder do vento.

Firme estou como a palmeira,  
Ao vento, lanço meu lamento:  
Sou nômade no mundo do sentimento!



## Valentina e o Mundo

*Amanda Ew Santos*

Valentina dormiu.

As folhas caíam e as pessoas absorviam todas as cores. Enquanto muitos passavam pela grande árvore sem mesmo olhá-la e enxergá-la de verdade, a menina sentava-se embaixo dela deixando as folhas caírem sobre seus lindos cabelos ruivos, observando os pequenos sulcos do grande e forte tronco, que buscava todas as substâncias necessárias para que os galhos ficassem fortes, as folhas pudessem nascer novamente e então, na primavera, as belas e vistosas flores, surgissem por toda a copa da majestosa árvore.

Cada pessoa que passava pela pequena menina, deitada embaixo da sombra da árvore contemplando com seus grandes olhos negros o imenso tronco, comentava sobre seu rosto de pele clara sem nenhuma marca de preocupação, sobre seus olhos enormes e brilhantes, ainda saudáveis o suficiente para enxergar cada pequena formiga que corria com pressa pela árvore com pequeníssimas folhas nas costas, sobre seus cabelos ruivos com fios dourados que pareciam refletir o sol que raiara no verão passado. Era inverno. Época de frio extremo e, realmente, seus cabelos pareciam esquentar o corpo de quem os olhava, mas a menina parecia nem se importar com todos aqueles elogios. A árvore ficava no meio de uma praça muito movimentada no meio da tarde, quando todos saíam de seus trabalhos para tomar um café ou, até mesmo, um chá de camomila. E, desde a primavera anterior, a menina vinha todas as tardes, ou quase todas, para debaixo da árvore.

Ela carregava sempre consigo um caderno e um lápis, costumeiramente chegava à praça pelas primeiras horas da tarde, analisava todos os lados da árvore por mais ou menos uma hora e, depois, com toda a calma do mundo, sentava escorando-se no tronco, apoiava seu caderno em suas pequenas pernas, tirava o lápis do espiral e começava a escrever. Apesar de ela fazer sempre tudo igual, nunca escrevia a mesma coisa no caderno. Mas o caderno, era sempre o mesmo. As pessoas que não passavam com frequência pela praça e não estavam acostumadas a ver uma menina sentada embaixo de uma árvore rabiscando em um caderno, ficavam curiosas para saber o

que ela escrevia. Mas as que mais achavam a menina interessante, eram as pessoas que passavam todos os dias por ela e já a tinham como parte de sua rotina. Muitos perguntavam para ela o que escrevia ali, quantos anos tinha, qual era seu nome. Mas ninguém, nem mesmo quem a encontrava sempre, sabia como era sua voz.

Certo dia, a menina veio para a praça como em todos os outros dias. Muitas pessoas elogiaram seus cabelos, seus olhos, seu rosto e a menina, como em todos os outros dias, não respondeu. Até que uma mulher, já bem velha e desgastada fisicamente, parou ao seu lado. A velha disse baixinho com uma voz meio rouca:

–Você é linda por ainda ter ingenuidade!

A menina levantou a cabeça e olhou nos olhos da velha. A velha falou-lhe, então:

–Seus olhos são lindos por ainda terem uma curiosidade pura.

A menina sorriu e a velha falou mais uma vez:

–Seu sorriso é lindo por ainda parecer verdadeiro.

A menina levantou-se. Olhou mais de perto para o rosto daquela senhora que via sua beleza jovem não como um rosto de pele sem rugas e marcas, mas como um rosto de alguém que tem muito a viver e aprender e ainda é puro por ser inocente, dizendo-lhe:

–Você é a pessoa mais forte que já vi.

A menina tinha uma voz doce de criança, mas que passava seriedade.

Em seguida, as duas sentaram juntas e se escoraram na árvore. A velha perguntou à menina:

–Como se chama?

–Valentina – disse ela. – E você?

–Marieta.

Assim começaram a conversar sobre o mundo e sobre milhões de coisas pequenas que não fazem sentido nele. Ficaram sentadas juntas, ali, por um bom tempo e, então, a velha Marieta disse que tinha que ir embora. Ela se levantou com muita dificuldade e caminhou devagar em direção à saída da praça. Enquanto isso, a menina voltou a escrever em seu caderno. Continuou no mesmo lugar escrevendo por mais uma meia hora. Depois, levantou-se

e também foi embora. No dia seguinte, quando a menina voltou à praça, a velha já estava sentada embaixo da árvore. Valentina sentou-se ao lado dela e ela lhe deu uma bala.

–É de hortelã, muito boa. – disse a velha.

–Adoro balas de hortelã.

Marieta tinha cabelos brancos, olhos verdes quase azuis e mãos trêmulas.

Nesse dia, Marieta falou sobre a rotação e a translação da Terra para a menina, que ficou encantada.

No dia seguinte, encontraram-se novamente. Marieta falou para a jovem menina mais coisas sobre o mundo, sobre a vida, sobre o sol, sobre a música e, quando estava na hora de ir embora, ela disse:

–Valentina, eu gosto de conversar contigo, gosto muito de falar sobre tudo para ti. Porque tu és a única pessoa que me olha como um ser forte.

A menina procurou palavras para dizer à velha, palavras que demonstrassem sua enorme admiração, mas não encontrou. Sem saber o que fazer, ela pegou sua mão enrugada, acariciou-a com delicadeza, segurando-se para não chorar e abraçou com força aquela velha. Valentina era uma menina sensível.

Um mês depois, as duas ainda se encontravam. As folhas e as flores começavam a nascer na árvore e o céu estava ficando mais azul. A pequena menina sempre procurava o que dizer à velha. Ela queria dizer algo que a velha ainda não soubesse e, naquele dia, encontrou.

–Girassóis são as flores de que eu mais gosto. Eles são alegres, tranquilos e calmos... Amarelos! Eu adoro amarelo. – disse a pequena Valentina.

A velha senhora riu, mas, no fundo, achou muito interessante a forma da menina olhar para as flores e perguntou-lhe:

–Girassol é o que você mais gosta no mundo, Valentina?

Então, a menina respondeu:

–Não. Eu tenho um amigo monstro. Ele é grande e consegue me segurar em seus braços. Ele sempre me diz para não parar de sonhar e que vai estar sempre comigo. E, no mundo inteiro, a coisa de que eu mais gosto é o amigo monstro.

A velha ficou pensando sobre o que a menina disse. Então, interrompeu-a:

–Sabe, Marieta, eu vejo cada pessoa como um mundo. Assim: eu sou um mundo, você um mundo. Eu descubro coisas sobre você e você descobre sobre mim. Mas nunca você vai conseguir descobrir tudo sobre mim nem eu sobre você.

Valentina levantou-se, arrancou uma folha da árvore e sentou-se novamente. Enquanto isso, a velha só analisava-a.

–O amigo monstro é o único que eu não vejo como um mundo, porque ele sabe tudo de mim. Ele é uma parte do mundo, como um continente. E, de todos os mundos que eu conheci, você é o mundo de que eu mais gosto. – falou a menina.

A velha, um pouco espantada, perguntou:

–Por quê?

–Porque em ti há muitas coisas para descobrir, você é um mundo complexo.

A velha riu. Disse para a menina que ela era um mundo legal. A menina perguntou por que, e ela respondeu:

–Porque você é estranha, e eu sempre gostei de coisas estranhas.

A menina entregou à velha a folha que arrancara e disse para ela guardar.

No dia seguinte, as duas encontraram-se novamente e combinaram que todos os dias iam caminhar por aí para descobrir novos mundos. No mesmo dia que combinaram, foram em direção ao lado leste da praça. A praça não era muito grande. Ficava bem no centro da cidade. Era um pouco escura. Marieta levou a menina a uma biblioteca deixando-a maravilhada e enlouquecida. A velha leu um livro, explicou algumas coisas sobre literatura, escritores e disse que o escritor de que ela mais gostava já havia morrido.

Assim, a cada dia, Marieta foi mostrando um pedaço da cidade, uma nova cor, um novo sabor. E a menina foi descobrindo, com suas pequenas mãos, novos mundos. As pessoas da cidade já conheciam a velha e a menina, que sempre se encontravam embaixo da mesma árvore e caminhavam lentamente por aí.

Certo dia, a menina disse à velha:

–Sinto algo forte em ti, tenho vontade de te abraçar, de te cuidar e de estar sempre conversando contigo.

– Isso se chama amor, Valentina. O amor é um mundo! E nele há muitas coisas a descobrir, de diferentes formas. – disse a velha.

– Marieta, sabe de uma coisa?

– Diga-me, pequena menina louca.

– Eu gosto do mundo amor.

Foi nesse dia que a velha foi junto com a menina a uma livraria comprar uma caixa. A intenção da velha era pôr um pedaço de cada mundo que elas conhecessem dentro dela. A menina achou interessante. No dia seguinte, as duas foram a uma cafeteria. A velha falou sobre o café e a menina falou que o café tinha um dos melhores cheiros que ela já havia sentido. Nesse dia, colocaram dentro da caixa um pouco de pó de café e enterraram embaixo da árvore. Seria esse o lugar da caixa, embaixo da árvore.

Muitos dias se passaram e já havia muita coisa dentro da caixa. Era rotineiro a menina chegar à árvore pelo começo da tarde e a velha já estar esperando por ela com a caixa nas mãos. Porém, às vezes, a menina chegava e a velha ainda não estava ali. Quando isso acontecia, a menina ia desenterrando a caixa e, em uns vinte minutos, a velha aparecia caminhando lentamente e com dificuldade.

Chegou a primavera. A grande árvore estava repleta de flores laranja. A velha e a menina estavam sentadas embaixo dela analisando as pessoas. Naquele dia, resolveram não procurar novos mundos, mas conhecer um pouco mais sobre a árvore e as pessoas que passavam por ela. A praça estava linda, com flores por toda a parte.

– Eu gosto das árvores na primavera, no verão, no outono e no inverno. Quando elas estão floridas ou não. Eu vejo que as pessoas nem enxergam as árvores no inverno, mas na primavera, elogiam suas flores sem parar. Você gosta das árvores sempre, Marieta? – perguntou a menina.

– Sempre. – respondeu com sua voz tranquila.

– Vendo todas essas pessoas passarem marchando em direção aos seus trabalhos, eu lembro que uma vez o amigo monstro me disse: “acho que as pessoas deviam sonhar e acreditar mais.” Eu concordo com ele. As pessoas são muito acomodadas! Em vez de buscarem caminhos para seus sonhos, preferem ficar no mesmo lugar. Elas devem achar que tudo é muito difícil. Eu gosto do difícil!

–As pessoas interpretam seus pesadelos como sonhos reais, Valentina. Nunca deixe de buscar, de sonhar, de caminhar...

–Eu sei, o amigo monstro já me disse para eu nunca parar de sonhar.

–Muito bem! O amigo monstro parece ser legal. – falou a velha, rindo um pouco.

–Ele é muito legal, Marieta!

No dia seguinte, a velha levou a menina a um campo de girassóis enorme que havia a oeste da praça. A menina corria e sorria alegremente. Ela realmente amava girassóis. Depois que ela se acalmou um pouco, as duas deitaram no chão e olharam para as nuvens.

–Olha lá! Parece a nossa árvore, Marieta! – gritou a menina, apontando para as nuvens.

–Quando eu tinha sua idade, Valentina, existiam árvores que você nunca mais verá igual. Amanhã, vamos plantar! Vou ensiná-la a cuidar de plantas. Está bem?

–Ótimo! Eu quero mesmo aprender a plantar.

E, deitadas entre as flores, as duas pegaram no sono. Um sono leve, alegre e fresco. Valentina acordou devagar, olhou para o céu e viu que já estava no fim da tarde. O céu já não estava totalmente azul, havia laranja, vermelho, amarelo e um azul mais escuro acima dos olhos da menina.

–Que árvore iremos plantar amanhã?

A velha não respondeu. A menina perguntou outra vez:

–Marieta! Que árvore iremos plantar amanhã?

A velha não respondeu novamente. A verdade é que a velha nunca mais iria responder. A menina lembrou então de uma vez em que a velha havia lhe dito:

–Valentina, um dia todos nós vamos dormir e não acordar mais. E, quando isso acontecer comigo, vá até a árvore e cavouque no mesmo lugar onde a gente põe a caixa, mas do outro lado.

Foi o que Valentina fez. Passou sua mão jovem pelo rosto da velha e falou baixinho: “durma bem, minha amiga” e caminhou em direção à grande árvore para cavoucar onde a velha havia lhe pedido, deixando o corpo velho mais forte do mundo que ela havia conhecido entre as flores.

Quando chegou ao lugar onde deveria cavoucar, agachou-se e cavoucou. Encontrou então um mapa de todos os lugares onde elas já haviam ido juntas e um desenho de uma velha e uma menina sentadas embaixo de uma enorme árvore florida. A menina pegou o mapa e o desenho e correu envolta da árvore para pegar a caixa em que havia um pedaço de cada mundo. Pegou a caixa, abriu, analisou cada pequena lembrança de todos os dias que caminhara ao lado da velha, deixando escapar algumas puras gotas de lágrimas do canto dos olhos. Até que o amigo monstro perguntou a ela:

–Onde está sua velha amiga, Valentina?

–Está dormindo – respondeu tristemente.

–Você está sozinha?

–Não.

–Quem está aí?

–Estamos eu e o mundo. – respondeu, animando-se.

Valentina cresceu, deixou de ser uma pequena menina, virou uma linda mulher com cabelos ruivos lindíssimos e olhos negros penetrantes. Descobriu muito mais sobre o mundo amor e voltou algumas vezes até a árvore.

O que Valentina escrevia em seu caderno era que desejava nunca mais acordar. Acordar e perceber que, no lugar da árvore de seu sonho, existia um prédio e, no lugar do grande campo onde Marieta ficara por todo o resto do tempo, um estacionamento. E perceber que já não se pode conversar com uma velha desconhecida e ter que se forçar para ter medo de que ela tire o que tem nas mãos. Acordar e perceber que o mundo já está no fim. Perceber que as pessoas já não notam a beleza de uma menina olhando para a sua alma, que as pessoas não dão mais valor a uma árvore frutífera e até mesmo não frutífera, porque hoje existe mercado onde tem tudo que é necessário e muito mais, em prateleiras. Não dão valor às frutas, pois hoje há todas as frutas em todas as épocas, há bergamotas o ano inteiro nas prateleiras do mercado. Ao contrário disso, Marieta vivera numa época em que o cheiro de bergamota era perfume de inverno e Valentina conhecera isso em seu sonho. Não queria acordar e perceber que as pessoas tentam comprar coisas para esconder suas fraquezas atrás disso ao invés de tentar transformá-las em algo melhor. Sem perceber que, comprando tudo que veem pela frente, tornam-se mais fracas ainda. Valentina escrevia em seu caderno sobre seus sentimentos. Ela queria que todos sentissem a leveza do ar, a pureza que ela

sentia, queria que todos sentissem as árvores! Valentina achava que, se todos sentissem o que ela estava sentindo, talvez mais ninguém cortasse uma ou várias árvores para construir um estabelecimento comercial. Porque aquilo a deixava feliz e não precisava de mais nada. Valentina não queria acordar e sentir o cheiro podre de poluição. Queria mostrar para outras crianças que uma caixa com várias coisas pequenas (mesmo que estranhas) era melhor que brinquedos de qualquer grande loja. Mas não queria acordar. Ela queria dizer que é melhor ter alguém perto que não possa dar nada concreto, mas que possa e tenha tempo de conversar e tirar suas dúvidas sobre tudo. Valentina não queria acordar e ver pais sem tempo nenhum para nada (apenas para o trabalho) preocupados com seus filhos que choravam de carência. Ver esses mesmos pais comprando brinquedos enormes e caros para tentar animar seus filhos, sem tempo para fazer um carrinho de madeira. Mesmo não querendo acordar, Valentina acordou. Triste, vendo que tudo o que sonhara não existia realmente, ela começou a escrever mais, desenhar, falar e assustar pessoas a sua volta com sua grande sabedoria. Ela cresceu e, como no sonho, tornou-se uma linda mulher, mas, ao invés de descobrir apenas mais coisas sobre o mundo amor, ela se tornou uma grande revolucionária, uma grande escritora, uma grande pintora e uma grande cantora. Sim! Valentina cantava! E, por sinal, lindamente.

## O Resgate da Paz

*Bárbara Uchoa Götttert da Silva*

Sempre pensei que o mundo fosse criado pela opinião de cada um de seus habitantes. Porém, também penso que o mundo pode ser destruído pelo modo de pensar de tais...

Então matutei comigo:

- O que faço para unificar as ideias positivas e excluir as negativas?

Porque, afinal, não podemos prever o futuro, mas, podemos mudar o agora para consertar o depois.

Notei que o ser humano possui uma capacidade superior a de outros seres: a capacidade de fazer atos e prever suas consequências, no entanto, a capacidade de reagir a tais. Infelizmente, existem pessoas que parecem não ter essa capacidade e essa aventura começa em um futuro não muito distante no qual a vida no nosso lindo planeta estava correndo risco e, além disso, as guerras e revoltas tornavam conta de tudo... Havia vida conhecida em outros planetas, mas não havia paz. Apenas disputa de interesses e negociações que visavam ao bem de poucos e à destruição de muitos...

Fui para outros planetas, outras galáxias, outros universos; procurando alguém que pensasse como eu e que tivesse uma ideia que junto com a minha pudesse mudar tudo!

O primeiro planeta que visitei tinha o nome de Anil e nele morava um cego, mas não era um cego qualquer:

– Boa tarde. – Cumprimentei.

– Que boa tarde, eu sei que em seu planeta a tarde não deve estar nada boa!

– Como sabe?

– Eu simplesmente sei que você está atrás de alguém que esteja disposto a ajudá-la a retornar a paz em seu planeta!

– Mas, infelizmente, estou preso neste planeta horrível, sem uma pessoa com quem conversar, nada para me entreter, nem nada para comer; já é de

se esperar que, para eu morrer, não vai demorar muito...

Então, olhei ao redor e percebi que a cidade era muito bem urbanizada: repleta de restaurantes, pessoas, além de teatros, parques, cinemas e hotéis.

– Mas o senhor está rodeado de atividades!? Como o senhor sabe tudo sobre mim que nunca te vi e não sabem nem o que está a sua volta!?

Foi nessa parte de minha aventura que descobri que ele não era um cego. Apesar de usar óculos, bengala e ter comportamento de quem tem deficiência visual, era apenas um senhor que da vida só enxergava as coisas ruins... Agora chega a parte em que eu começo a ter esperança... Bem, vou começar pelo início.

Tinha acabado de pousar no planeta lixão e, conforme o nome, era um enorme lixão com uma placa: “lixo de todos os universos” e, como todos os universos consomem alguma coisa, as pilhas de lixo eram bem grandes. Eu estava fazendo uma ronda para ver se não havia algo ou alguém que tivesse uma boa ideia e que quisesse sair de lá. Comecei a analisar o que estava à minha volta, então percebi que sempre achei que a situação de meu planeta fosse péssima: capital do desumanizo, da ignorância e falta de tranquilidade...

Mas aquele lugar... Era vazio, sombrio, sujo, somente com o barulho de rastejar de baratas e ratos. Contando apenas com a companhia de montes de lixo. Vi, de repente, uma sombra além da minha. Primeiro pensei que fosse um dos montes de lixo, depois notei que se mexia... E levei um grande susto, quando vi um homem totalmente imundo implorando por resgate. Eu me senti um pouco melhor quando ele disse que eu era sua última esperança de encontrar sua família. Ele me contou que seu nome era Eduardo, contou sua história e falou sobre como tinha ido parar ali.

Senti-me realmente penalizada ao final da história que foi contada aos soluços. Logo após, contei a minha história e por que estava ali. Eduardo se ofereceu na hora para participar e falou:

– Nós sozinhos não iremos conseguir tudo; tu já foste ao planeta Orbitione?

– Soube que lá existe uma menina castigada por uma feiticeira, só não sei o motivo...

– Não é perigoso?

– Vamos ver...

Então estávamos eu e Eduardo em uma selva completamente fechada,

sem ninguém, dentro de um planeta estranho de nome Orbitione.

Quando de repente um gato preto enorme parou bem à nossa frente e deu um forte “miaaaaaau” seguido do nosso grito:

– Aaaaaahhh!!!!

Após frações de segundo, o gato impressionante tossiu, depois começou a falar:

– Desculpem os maus modos é de que, depois que a bruxa me amaldiçoou, ela mudou um pouco minha voz...

A partir deste ponto, a gata-moça, de nome Melina, começou a contar uma incrível e emocionante história: de que era uma linda menina que se colocava contra sua governante, a qual era uma bruxa terrivelmente má! Foi em uma dessas rebeliões que a bruxa a expulsou de seu planeta e a transformou em uma gata preta.

Nós aproveitamos a pausa e a convidamos para nossa “missão” E ela, assim como Eduardo, aceitou na hora e também deu sua ideia:

– Que tal se construíssemos uma máquina do tempo e voltássemos para a época em que todas as galáxias reinavam em paz? Perguntou ela sempre com aquele sotaque carregado.

– Mas com que materiais? – eu perguntei.

– Eu conheço um cientista do planeta Estalarione e ele pode nos dar uma força...

Lá estávamos nós novamente entrando na minha nave modelo 5010, rumando, desta vez, para o planeta Estalarione, em busca de um cientista, conforme Eduard, de nome Alfajor.

Chegando ao local desejado, notamos que o chão tinha vários desenhos de ferramentas, depois prestamos mais atenção ao redor e tudo estava deserto até então. Após meia hora de caminhada, avistamos uma casa flutuando.

Batemos à porta e fomos recebidos por um senhor de paletó branco, com uma barba muito negra. Esse senhor nos mostrou diversas de suas invenções durante um bom tempo. Percebemos que deveríamos agilizar, quando vimos o sol se pôr:

– Bem, doutor Alfajor, achei suas invenções fascinante, porém, estamos interessados em apenas uma: a máquina do tempo.

– Então necessitamos de mais flores mágicas.

Alfajor pegou uma flor cinza e uma flor branca, pediu que esmagássemos a branca e somente a branca, pois ela significava as flores do bem (tudo de melhor que existe em todos os seres) e a cinza, tudo o que de mal pode haver. Depois que a esmagamos surgiu um ser bem exótico e com roupas extravagantes (parecia um gênio dos contos da Arábia) e disse:

– Vocês têm direito a um desejo.

Cada um de nós teve uma ideia para realizar o desejo, porém decidimos regressar no tempo e resgatar as questões responsáveis pela paz intergaláctica.

–Assim o farei.

Por um momento, vi muitas luzes e tudo ficou muito claro e iluminado... Depois percebi que estava em meu planeta. Eu estava mais jovem e tudo estava mais tranquilo, com as pessoas mais felizes.

Pensei que finalmente tínhamos conseguido reconquistar a paz. Porém, um pensamento não abandonava minha mente, e, certamente, não seria fácil conseguir esquecer que a paz não seria eterna e poderia ser rompida por alguma atitude impensada ou premeditada que visasse apenas à ganância. Senti que, por mais que tentássemos consertar os erros, o mais importante seria não cometê-los novamente. E, certamente, não conseguiríamos encontrar uma magia ou tecnologia para controlar o futuro, isso teríamos que aprender a fazer todos os dias, tendo responsabilidade hoje para não sofrermos no amanhã.

## O Mundo de Lucas

Ana Luiza Pereira Furlanetto

Faz muito tempo, eu tenho que admitir, mas finalmente aqui estou eu, de novo. Talvez quase 40 anos mais velha, com a cara cheia de marcas de expressão, de idade: as famosas rugas. Mas definitivamente sou eu, e esse é o lugar onde eu o havia conhecido... Faz tanto tempo, mesmo? É impressionante, mas eu me lembro como se fosse ontem.

Será que ele ainda está vivo? Será que o tempo foi bom para ele, como vinha sendo bom para mim? Ele é casado, tem filhos? É feliz? Eu não sabia, não fazia ideia. Eu imaginei se, depois de tudo, ele alguma vez havia voltado a essa mesma beira de rio, onde eu estava sentada. Ele me reconheceria? Se reconhecesse, diria "olá"?

Eu sabia que isso era ridículo, por Deus, eu estava com mais de 50 anos, e nem sabia se ele ainda estava vivo. Por mais que tenha a mesma idade que eu, não são todos que passam dos 45, hoje em dia. O mundo está cada vez pior, e a sociedade vem fazendo isso.

Se você quisesse me perguntar o porquê de eu estar ali, sentada na beira de um rio, com uma lágrima no rosto e uma caneta na mão, esse era o motivo. Eu estava ficando velha, pedir para viver mais 10 anos era demais. E, com o tempo -eu odiava admitir isso -, eu estava esquecendo coisas, pequenas coisas, como o que eu tinha que comprar no supermercado, ou o rosto de alguns dos meus colegas de classe. Mas eu sabia que, com o tempo, talvez não me lembrasse do aniversário e do nome de meus netos, do dia em que meu marido morreria, da rua de minha casa... Eu sabia, porém, que demoraria muito mais para esquecê-lo, e sinceramente, acreditava que talvez nunca isso acontecesse. Afinal, há anos eu me esforçava para tirá-lo da minha mente, e ainda assim não conseguia; seria uma crueldade do destino me fazer esquecer dele, logo agora que tudo o que eu mais queria era me lembrar.

Bem, por isso, eu resolvi escrever a história que você - seja lá quem você for - vai ler. Mas já lhe aviso, que se, por acaso, você estiver procurando uma história com final feliz, talvez você se decepcione, ou talvez perceba que a

felicidade não precisa necessariamente estar no final da história.

Aquela era uma tarde como outras mil, durante as férias de verão. O calor era insuportável, e não havia absolutamente nada para fazer naquela velha cidade. Como sempre tive minhas manias, simplesmente não conseguia ser uma adolescente normal e apenas sair e ficar no meio do povo fazendo compras no shopping. Não, para mim, isso era impossível. Por isso, ali estava eu, sentada em frente ao pequeno lago, que ficava a duas quadras da minha casa. Eu estava lendo outro romance. Dos tantos que eu já havia devorado, esse era particularmente ruim, o que fez com que fosse impossível não desviar a atenção dele, para o grupo de jovens que estava por ali. Eram três. Dois loiros e um moreno. Deviam ter mais ou menos a minha idade, talvez um ou dois anos a mais. Pareciam realmente bonitos, mas a minha miopia não me permitia enxergar muito. Infelizmente, eles não pareciam ter o mesmo problema que eu, e perceberam logo a direção do meu olhar. Os dois loiros acenaram e começaram a rir, mas eu já não prestava atenção neles. Meus olhos estavam grudados no moreno, que estava se aproximando de mim.

Como eu imaginei, ele era uns bons 20 centímetros mais alto que eu, e tinha os olhos pretos. Ele era o tipo de cara do qual qualquer pai iria querer que a sua filha ficasse longe, pois mesmo tendo-o visto por apenas alguns segundos, eu já tinha percebido que ele significava confusão. Um pequeno sorriso malicioso se formou em seus lábios assim que ele viu a maneira como eu fiquei abismada diante de sua beleza.

“Desculpe, senhorita, mas eu a vi de longe e não pude deixar de pensar em como eu gostaria de saber o seu nome”. Até ele riu de sua própria cantada horrível e do forçado sotaque antigo que fizera, apontando para o meu velho livro.

“Estou totalmente proibida de falar com estranhos.” Eu já estava falando, era verdade, mas não pude deixar de rir da estranha situação. Ele percebeu que eu estava brincando e soltou uma risada fraca. Eu não sabia por que, mas fiquei encantada com o modo como ele ria.

“Tudo bem, meu nome é Lucas. Pronto, agora não somos mais estranhos”  
O sorriso voltara aos seus lábios.

“Então, Lucas, meu nome é Lana. Mas você continua a ser um estranho para mim.” Eu estava tentando fazer jogo duro, mas a verdade é que eu não estava nem aí se o conhecia ou não.

“Bem, eu espero realmente mudar isso.” E piscou para mim. O problema é que, mesmo sendo morena e tendo os olhos castanhos, eu sempre tive a facilidade de uma ruiva para corar, e, infelizmente, minhas bochechas me traíram naquele momento, ficando claramente rosadas.

Era difícil dizer o porquê ou como, mas naquela mesma tarde, eu já percebera que eu corria um sério risco de jamais conseguir esquecer-lo. Algo dentro de mim ainda gritava ‘perigo!’ toda a vez que ele se aproximava, mas, com o tempo, eu fui me acostumando a ignorar esse pensamento. Ele era gentil, carinhoso. Ele me abraçou quando eu disse que estava com frio e segurou a minha mão quando eu me assustei; no momento em que sua pele encontrou a minha, eu percebi que aquela era apenas a primeira das muitas tardes que passaríamos juntos.

Eu estava certa.

O tempo foi passando, um, dois, três meses e nós continuávamos grudados, como se fosse a primeira tarde. O sentimento não diminuía, pelo contrário, ele só tendia a aumentar. Durante três meses, eu acordava com o som da sua voz; durante três meses, eu dormia com ele em meu pensamento. Se fosse listar todas as coisas que ele me dizia, talvez eu passasse o dia inteiro falando e falando, pois eu ainda me lembro de todas. Ele foi o único sincero comigo, pois dizia o que sentia. Dava para ver nos olhos dele o quanto se sentia culpado quando tinha que mentir. Eu amava isso nele, eu amava o jeito como ele me tratava.

Por um tempo, eu também pensei que nós estaríamos juntos para sempre, que estaríamos sentados lado a lado, frente a esse lago, de mãos dadas, como se o tempo tivesse parado naquela tarde de janeiro. Mas a vida não é como nós gostaríamos que fosse, e, às vezes, o destino nos prega peças.

Começou de repente, e, às vezes, ainda me sinto culpada por não ter notado antes, mas acho que estava tão envolvida com meus sentimentos, que não notei que, para ele, as coisas haviam mudado. Não era sempre, normalmente ele ainda era o mesmo garoto que eu havia conhecido, mas, com o tempo, a variação de humor se tornou frequente, e a cada dia ia piorando. Ele já não ria, irritava-se facilmente. Por um tempo, eu achei que isso iria passar logo, que apenas estava passando por uma fase ruim e seria injusto acabar com ele por isso. Além de tudo, eu o amava o suficiente para saber que, mesmo se eu quisesse, eu não conseguiria ir embora.

Os dias se passaram, as férias acabaram, e ele já não era o mesmo. O que ele sentia por mim eu sabia que continuava igual, nunca duvidei disso, nem por um minuto apenas. O problema não era conosco, e sim com ele, e isso estava se refletindo na nossa relação. Eu me sentia extremamente egoísta por me irritar e brigar com ele quando ele não me ligava, sentia raiva de mim mesma por cobrar demais dele, mas eu era sua namorada e precisava saber o que estava acontecendo.

Pela primeira vez em três meses, nós não nos vimos por três dias, e eu soube que algo estava errado. Eu não aguentava mais esperar, em frente ao telefone, por uma ligação que talvez nunca acontecesse. Eu não sabia mais como reagir perante o fato de que ele recusava minhas chamadas. Foi então que resolvi ir até sua casa e descobrir o que estava acontecendo. Doeu sair da minha porta com a certeza de que eu provavelmente voltaria sem tê-lo ao meu lado, mas eu sabia que era melhor assim.

Eu bati na sua porta três vezes, impaciente. A sua mãe atendeu, e eu quase caí em lágrimas por saber que talvez nunca mais a veria. Eu perguntei por Lucas, e ela me olhou triste.

“Querida, eu quero saber o que está acontecendo com ele e onde ele está, tanto quanto você, talvez até mais. Mas a verdade é que não faço ideia de onde esse garoto pode ter se metido. Esperava que ele estivesse com você, pois, quando ele ia sair, perguntei aonde estava indo. Ele apenas revirou os olhos e fingiu que não tinha me escutado.” Quando ela terminou, parei de sentir pena de mim mesma e comecei a sentir pena dessa mulher. A sra. Roberta sempre fora mega atenciosa com o seu único filho, era injusto ele a tratar de modo tão grosseiro. Eu perguntei se eu podia entrar e esperar por ele. Disse que obviamente eu poderia, mas que ela não tinha ideia de quanto tempo ele iria demorar. Eu estava pronta para esperar e fui até o quarto de Lucas.

O tremor tomou conta de mim quando eu entrei e me deparei com o que havia acontecido com o quarto, antes sempre arrumado e bonito. Agora, havia papéis jogados por todos os lados, a mobília estava quebrada e arranhada, sua cama, bagunçada. Não parecia o quarto que eu conhecia tão bem.

Talvez o destino realmente quisesse que eu descobrisse o que ele estava tramando e, por isso, no momento em que eu estava prestes a começar a chorar, seu telefone bipou. Achei estranho o fato de ele não ter levado o seu celular, para onde quer que fosse, mas, para mim, isso significava que

ele tinha saído com mais urgência do que eu havia imaginado. Eu fui ver a mensagem, que era de um número desconhecido e dizia apenas:

“Cara, a gente precisa de mais. Nos encontra na esquina da rua 7, e leva o dinheiro. Às 4:30, e tu sabe o que vai acontecer contigo se tu te atrasa de novo.”

Era curta, grossa, não parecia com nenhuma mensagem que algum amigo dele mandaria. Do que eles precisavam? O que aconteceria se ele se atrasasse? Quem eram aqueles caras? Eu olhei o relógio, eram 4h42min.

Algo me disse, bem dentro de mim, que era para continuar esperando por ele e não sair daquela casa. Mas eu já estava saindo pela porta e correndo em direção à Rua 7 quando me ocorreu a ideia de que talvez eu estivesse fazendo a coisa errada.

Se alguém me perguntasse, hoje, se eu me arrependi de ter ido a seu encontro, eu não saberia o que responder. Mas o que eu vi me fez entender muitas coisas.

A Rua 7 era conhecida por sua fama de praça dos ladrões, e ninguém que tivesse um pouco de senso de sobrevivência passaria por ela sozinho. No entanto, ali estava eu, cercada por dezenas de homens mal encarados, olhando para mim como se eu fosse um troféu. Eu respirei fundo e olhei para os lados. Foi quando o vi.

Suas roupas pareciam não terem sido trocadas há dias, seu cabelo estava seboso, sua barba estava por ser feita. Havia algo estranho no jeito como ele murmurava para os dois homens com quem estava falando, como se estivesse suplicando para não o matarem. E talvez estivesse mesmo.

Os outros dois homens eram realmente muito parecidos. Deviam ter quase dois metros, e eram iguais a dois armários, com roupas pretas e imensas olheiras. Um deles olhou para Lucas e sibilou alguma coisa, com a mais completa irritação, como se sentisse nojo dele. De repente, Lucas começou a chorar e tirou várias notas de 50 de seu bolso. O grandalhão sorriu, contou o dinheiro e lhe entregou uma sacola com um pó branco.

Eu não precisava ficar nem mais um segundo ali, pois já havia entendido tudo. Como eu podia ter sido tão burra, a ponto de não perceber o vício do meu namorado? Eu me sentia horrivelmente arrependida por ter vindo àquele lugar e comecei a chorar. Eu não liguei para a plateia que estava assistindo ao meu show, pois era impossível parar. Ele se virou e me viu.

Como ainda restava um pouco de sanidade em seus olhos, ele me reconheceu e percebeu que eu sabia seu segredo. Ele sussurrou meu nome e veio correndo em minha direção, mas já era tarde demais. Eu já tinha me virado e saído correndo, para o mais longe possível.

É difícil admitir isso, mas a verdade é que eu sabia que tinha duas opções: eu podia lutar ao seu lado contra aquilo que eu tinha certeza que o estava matando ou eu podia simplesmente fugir. Lamento informar, que eu era fraca demais para ficar.

Eu nunca mais falei com ele, nunca mais atendi às suas ligações. Tomei cuidado para jamais passar perto de sua casa e para não tropeçar em seus pés novamente. Eu sabia que o estava largando, a única pessoa que parecia ser capaz de me fazer feliz, mas eu estava com medo. Por favor, entenda, eu tinha 15 anos, não sabia nada da vida. Hoje, eu teria tomado uma decisão diferente, eu teria lutado, mas, naquela época, ficar parecia ser simplesmente impossível.

Eu sofri mais do que eu imaginei que fosse possível, ainda sofro, por pensar no nosso adeus. Mas eu sabia que era melhor assim, eu era apenas uma criança naquele tempo.

A última vez que tive notícias de Lucas foi um ano depois do acontecido, em uma carta curta, que ainda leio antes de dormir.

“Querida Lana,

Me desculpe por tudo, eu sofro mais do que você pode imaginar. Eu não me culpo tanto por ter destruído a minha vida com aquela estúpida droga, mas sim por ter arruinado a sua também. Por favor, esse é um dos poucos momentos que estou completamente lúcido, e não sei quanto tempo isso irá durar, eu só preciso que você saiba, que eu ainda a amo. E sempre irei amar. Eu entendo o modo como fugiu de mim, e acho que eu teria feito a mesma coisa se fosse você.

Lembre-se de mim quando eu ainda era eu mesmo, naquele verão que passamos juntos. Mesmo nos momentos que a droga toma conta de mim totalmente, são eles que me fazem continuar a viver.

Eu não espero resposta, mas eu quero que você saiba que eu te amo e que nunca me esquecerei de você.

Com amor, Lucas.”

Nessa carta, havia marcas das suas lágrimas. Toda vez que a lia, eu sabia que, tendo tomado as decisões certas ou não, nós sempre nos sentiríamos da mesma forma. Nós sempre seríamos feitos um para o outro. E eu sempre o amaria e sempre estaria esperando por ele.



## Onze Semanas

*Cristiane Hahner*

Dedico este conto autobiográfico ao único médico com quem tive contato durante a minha existência.

Minha vida inteira se passa diante dos meus pensamentos sem que, necessariamente, eu participe o tempo todo do enredo. Minha maior aspiração sempre foi ser protagonista da minha própria história e não figurante. A visão que cultivo de mundo é inversamente proporcional à visão que o mundo cultiva de mim. A visão que cultivo do mundo é tudo que posso ter.

Se eu mencionar que sou ou que fui algo ou alguém, talvez eu não esteja sendo fiel aos fatos. Ser é uma expressão que denota gravidade deveras, no meu caso. Menciono, então, que imagino ou imaginei ser algo ou alguém. Se eu mencionar, tal qual narro fatos da minha vida, talvez eu não esteja sendo fiel. Fato, assim, é uma expressão que denota gravidade deveras, no meu caso. Digo, então, que narro ideias.

Os verbos narrados se encontram, em sua maioria, conjugados no presente do indicativo. Afinal, o tempo é relativo e vive-se apenas o presente, mesmo que ele tenha passado. Dentre todas essas idas e vindas, modismos e liberalismos das artes da literatura, fixo-me ao realismo: o imutável dos sentimentos humanos.

Meus primeiros passos nesse misterioso mundo acontecem em tributo à vida. À minha vida! Meus primeiros passos representam mais do que o desenvolvimento da minha capacidade motora: são celebração ao altruísmo. Mais tarde o leitor compreenderá.

Quantas lembranças carrego da infância! Oh, fase em que não nos desprendemos do breve suspiro dos anjos! Existiu-me como a bolinha de uma partida de pingue-pongue: rápida, ágil, oscilante, alegre e capaz de prender fixamente a atenção de todos os espectadores. Mas nada se compara ao fresco ardor da juventude! Oh, tempos do orvalho de uma manhã morna de verão! O primeiro amor primaveril, a primeira frustração invernososa...

Caem as folhas da ingenuidade, num outono insaciável, a vida insiste em me instigar aos avanços, desavanços e solavancos desse mundo impenitente. A maturidade nada mais é do que a secagem do gesso que é moldado em cima dos formatos da infância.

Entre curvas e desvios do sinuoso caminho da vida, nem sempre pude distinguir as falhas e os atalhos do solo. Conto-te um episódio para ilustrar com mais garbo a minha descrição.

No auge do início da emancipação e rebeldia juvenil, no decorrer da década de 60, vivo em meus verdejantes vinte e poucos anos de idade. Vejo uma belíssima sociedade pura e podre. E é essa antítese que mais me atrai. A liberdade provoca-me a mais indescritíveis das sensações: o vento no rosto das minhas noites sem rumo.

Minha verdadeira emancipação ocorre na França, frente à ousadia de enfrentar o rude cenário da Guerra Fria ao tentar quebrar as barreiras de minha aristocracia conservadora. Ao mesmo passo, fujo do denso clima ditatorial do meu berço esplêndido.

É então que conheço Charlott, uma encantadora bailarina francesa. Dançava em uma renomada academia de balé moderno. Apaixonou-me por seu perfume de independência, seu olhar de ultraje e seus lábios de contestação. Seus atos não tinham limites nem escrúpulos. Sua ousadia ainda desritma meu coração e expande minha aura. É mais provável que eu tenha me apaixonado pela inacessibilidade às suas paixões. Ela vive, nessa época, em uma república de artistas libertinos e mantém relações amorosas com suas colegas de arte.

No ano de 1965, tenho problemas burocráticos que me mandam regressar ao Brasil. Porém, o difícil cenário de coação repreende minha alma e deprime-me a ponto de não tolerar essa hipótese do regresso. Então, num ato instintivo, peço a mão de Charlott em casamento: é a única saída para mim. Desconfiada, pergunta-me a razão de tal feito inusitado e pondero se lhe conto a verdade ou não. Não conto. Revelo minha paixão reprimida – e até em estado letárgico –. Seus olhos brilham. O brilho não é de paixão, mas também não descubro o motivo. Sei de suas condições para a união assim como ela também tem ciência das minhas. Casamo-nos. Descubro o motivo de seu brilho no olhar: a gravidez. Ultrajado, meu ímpeto é bater-lhe às faces e descarregar nela todo o ódio da traição. Desconhecia sua atração por homens da mesma forma que ela desconhecia minha ingenuidade. Sua atração era por desafios, devassidões e toda forma de chocar aqueles ao seu redor.

Após o primeiro ímpeto de ódio, ordeno-lhe a retirada da criança. Meu falso espírito rebelde, de uma vez por todas, revela minha verdadeira alma rude e fidalga. Após a ordem, fecho-me.

Hipócrita. Sou hipócrita. Se posso dizer que sou algo, essa é a adjetivação que mereço. Será que eu não poderia ter fantasiado, em todos esses anos, uma história menos hipócrita? Como se eu fosse alheio a tudo isso. Como que se o que realmente existiu jamais houvesse existido. Como se essa fosse a verdade...

Onze semanas... O tempo suficiente para tudo isso virar mera figuração. Tempo suficiente para eu me transformar em figurante da minha história. Tempo suficiente para eu não existir.

Quem me feriu nas minhas onze semanas foi um médico cardiologista diplomado, a mando da mais bela das rubras rosas dos pecados... Em uma situação completa de ignorância e precariedade, foi-me furtado o direito da minha própria vida, antes mesmo de respirar com meus próprios pulmões.

Não fui fruto de amor proibido. Tampouco de um casal sob as injúrias da pobreza. Pelo contrário, fui o produto da avareza e vaidade de um casal em plena ascensão econômica pós-crise de 29. Minha mãe, com seus belos cabelos negros, tinha uma vaidade que se perdia ao longo de seus caracóis ou através do brilho de seus límpidos olhos cor de mel. Não me quis, pois junto com a gestação, viriam os quilos das responsabilidades e a flacidez do encargo da vida. Meu pai havia herdado de longas gerações a tão mencionada aristocracia, que se esvaiu por entre seus dedos como água, em seus investimentos no exterior no ramo do café em torno de 1929. Tempo depois, havia recuperado, pouco a pouco, os privilégios de nobre. Ambos tinham seus mais importantes motivos para recusarem a mais bela flor na árvore dos Nóbrega: vaidade ou avareza? Egoísmo ou egoísmo?

Oh, mãezinha, mal sabes a alegria que me proporcionaste ao conceber-me em teu corpo! Extasiado, agarrei-me à parede do teu ventre com tanta força... Reverenciei-te e te vi como uma divindade na terra. A minha emoção transbordava em lágrimas. E, agora, por mais que possas ver e ouvir o meu choro, jamais o compreenderás no âmago de sua razão. Amargas foram as minhas ilusões em pensar que podia confiar meus ideais, em minhas buscas, em lutas e expectativas do mundo ligadas a uma existência inexistente. Agora estou aqui, num lugar escuro do meu inconsciente, algemado às trevas da minha revolta, imerso no lodo da melancolia, coberto pelas cinzas da frustração.

Qual fosse o legado da miséria de Brás Cubas, ele não quis transmiti-lo a nenhuma criatura. Creio que minha mãezinha tenha feito o mesmo: não transmitiu a ninguém o legado do seu altruísmo inexistente.

## **O mundo sempre me surpreende**

*Laura Ungrad Ribeiro*

O despertador tocou e começou mais um dia. Levantei ainda sonolenta, envolvida pelo calor das cobertas, para mais um cansativo dia de rotina que parecia interminável.

Olhei pela janela e vi o asfalto molhado pela chuva, que, incansavelmente, caía desde a madrugada e ainda persistia. Era um desanimador dia de inverno, mas, apesar disso, meus afazeres não poderiam ser interrompidos. Tarefas não se guiam pela meteorologia, portanto, mãos à obra.

Alguns minutos depois, estava recomposta para enfrentar o dia. Tive, até mesmo, tempo para tomar café da manhã com tranquilidade, coisa que nunca acontece. Seria meu dia de sorte? Só por esse motivo saía mais alegre de casa.

Não durou muito para a minha felicidade chegar ao fim. O trânsito caótico, típico de grandes cidades, me deixa completamente agitada e estressada. Apesar de todos os dias serem assim, ainda não me acostumei com essa parte da rotina.

Após algum tempo trancada em meio a tantos carros sem sequer ter andado dez centímetros à frente, percebi que não se tratava de um dia normal. Carros de polícia e uma ambulância tentavam chegar mais à frente. A face dos profissionais revelava certa aflição e desespero. A pressa era enorme e os automóveis tinham dificuldade para abrir caminho. Minha inexperiência ao volante complicava mais ainda a situação. Naquele momento, o suor já tomava conta do meu corpo, em função do nervosismo. O banho recém-tomado já havia sido em vão.

Em meio à confusão, cada um reagia de maneira diferente. Uns revoltados por estarem atrasados, outros preocupados com a situação. Ainda tinham os curiosos e até aqueles que queriam, do seu jeito, resolver o caso e seguir seu rumo. Mas o que de fato estava acontecendo? Seria uma colisão entre veículos? Haveria mortos e feridos? Não sabíamos. Teríamos que aguardar até que respostas concretas fossem dadas.

Liguei para a empresa onde trabalho e avisei que chegaria atrasada ou nem compareceria por causa do congestionamento. Expliquei a situação e meu chefe não só entendeu como também pediu que o mantivesse informado sobre o ocorrido. Desliguei o celular e, em seguida, fotógrafos e repórteres começaram a chegar.

Queriam cobertura completa e não sabiam quem brigava mais pelo espaço em busca de notícias de primeira mão. Realmente era um dia atípico.

De repente, a monotonia da situação foi cortada pelo choro incontrolado de uma senhora que, amparada por duas pessoas, acredito que eram familiares, não conseguia conter a emoção e a angústia. Gritava desesperada pelo nome do filho. Pela reação da mãe, dava para entender que o rapaz já estava sem vida.

Um cordão de isolamento foi feito ao redor do suposto acidente. Os motoristas foram orientados a saírem dos automóveis até que uma via provisória fosse liberada para a passagem dos veículos e pedestres.

A impaciência e o cansaço vinham à tona quando, finalmente, uma autoridade se prontificou a explicar o fato e a acabar com todas as dúvidas. Atordoadas, as pessoas o ouviam atentamente.

O delegado tomou o megafone em suas mãos e, com muita calma, começou a falar:

– Sou o delegado Freitas e peço que todos mantenham a calma. Sei que devem estar assustados, principalmente por não saberem o que se passa neste local. Pois bem, é um caso delicado, mas prometo ser direto e breve. O que estamos presenciando é uma colisão entre uma caminhonete e uma motocicleta, porém, não é um acidente comum. A caminhonete estava sendo usada para a fuga de três criminosos que com eles levavam um refém; os meliantes, que já tinham passagem pela polícia, estavam fugindo com malas de dinheiro recém-roubado de um banco. O veículo seguia em alta velocidade quando, ao ultrapassar o sinal vermelho, cortou a frente de uma motocicleta, cujo motorista foi arremessado por vinte metros. Ele chegou a ser socorrido, mas, infelizmente, morreu a caminho do hospital. Os bandidos, que ficaram presos às ferragens, foram socorridos, levados ao HPS e passam bem. Com o impacto da colisão, a arma já engatilhada apontada para a cabeça da vítima disparou, atingindo-a à queima-roupa. A moça morreu na hora. Peço que, assim que a via alternativa for liberada, sigam seus rumos em paz e sejam prudentes.

Após ouvir aquele pronunciamento, todos estavam em estado de choque, deslocados e incrédulos. O dia que, inicialmente, parecia como todos os outros, terminou em tragédia, marcado por muita dor e tristeza. Cheguei à conclusão de que não basta que eu aja com prudência, respeitando a lei, se todos os dias o mundo pode revelar uma surpresa que nem sempre é agradável.

Daquele dia em diante, passei a dar mais valor à vida, pois ninguém sabe o dia de amanhã. Viver o presente é o que importa.

## Um dia Ensolarado

*Graziele Saronka da Silva*

Há tempos percebia que algo havia mudado. Talvez fosse eu que estivesse agindo diferente ou fosse o mundo ao meu ouvido: “mocinha, está na hora de você mudar!”, obviamente o universo não teria me dito isso, mas me dei conta de que já estava na hora de crescer.

Era uma tarde de janeiro, eu estava lendo no meu quarto, quando minha mãe bateu à porta e me perguntou:

– Está tudo bem?

– Claro, por que não haveria de estar, mãe?

– Por nada não, querida – falou delicadamente.

Minha mãe também sentia que eu estava mudando, mas silenciava a sua curiosidade.

Percebi que mudava, pois meus objetivos haviam mudado, as ideias brilhavam e o impossível se tornou uma meta, um sonho, algo importante para mim. A vontade de modificar o mundo era como uma espécie de fonte de energia. Mesmo que as coisas não saíssem como eu desejava, já não era motivo de tristeza, de desânimo, mas apenas uma amostra de que as coisas acontecem para nos fortalecer.

O fato de ter tanta coragem para enfrentar as batalhas que a vida colocava sobre os meus olhos me preocupava. Resolvi escrever tudo o que eu pensava e percebi estar escrevendo bons textos, embora não acreditasse que minha mente fosse capaz de elaborá-los. Minha mãe ficava abismada com a grande capacidade e agilidade com que eu os escrevia.

Depois de passados alguns meses, minha mãe sentou-se ao meu lado, na varanda, segurou minha mãos e, em desabafo, disse:

– Filha, realmente, naquela tarde de janeiro, percebi que...

Olhei para ela e disse:

– Eu mudei sim, eu sei, acho que a vida nos mostra que um dia temos de deixar para trás os livros de contos de fadas, trocando-os pelos que nos fazem pensar, ter novas ideias.

–Minha filha, você tem toda razão.

–Mas tem algo que me incomoda...

–O que te incomoda, minha filha?

–As pessoas...

–As pessoas? – Sorriu preocupada.

–É, mãe, as pessoas. Estou cansada de sempre fazer o bem e, quando preciso de um ombro amigo, as pessoas desaparecem ou não me compreendem.

–Algumas pessoas são assim, quando você precisa delas, elas desaparecem e, se precisam de você, irão procurá-la.

–É isso que acontece, mas sinto falta de verdadeiras amizades, aquelas que são como um anjo da guarda.

–Querida, fique tranquila, tudo se resolverá.

–É o que eu espero – desabafei com um tom de cansaço, como se estivesse enfrentando uma guerra e a única arma que me restava.

Os dias me pareciam estranhos, as pessoas mais ainda. O sol era o que me alegrava e fazia com que meu sorriso brilhasse e a chuva fazia com que meus olhos a acompanhassem em forma de lágrimas. Mas, não me deixava abater com tudo o que acontecia, pois a vida possui os seus momentos.

Resolvi sair para, quem sabe, distrair-me um pouco. Liguei para algumas amigas para irmos ao parque, mas todas estavam ocupadas. Decidi ir sozinha. Coloquei meus sapatos, arrumei meu cabelo e fui rumo ao parque. Naquele dia, o sol brilhava como nunca, estava azulado como água cristalina. Um dia perfeito!

Sentei-me em um banco ao lado de uma grande árvore. O vento parecia querer brincar com os meus cabelos, mas, como uma criança emburrada, amarrei-os, fazendo assim com que a brincadeira do vento acabasse. Naquele momento, uma alegria contagiante tomou conta de mim, fazendo-me sorrir sem parar. Instantes depois, um menininho sentou ao meu lado e perguntou-me:

–Moça, por que você sorri tanto?

–Eu não sei, mas estou feliz.

Vi que seus olhinhos não brilhavam e resolvi questioná-lo também:

- E você, mocinho, por que está tão triste?
- Não tenho com quem brincar, moça.
- Você, a partir de agora, ficará feliz como eu.
- Por quê?
- Por que eu brincarei com você.

Nunca vi uma criança tão alegre, somente pelo fato de ter uma pessoa para brincar.

Quantas crianças têm tudo para estarem contentes e só sabem reclamar e pedir, enquanto outras só querem carinho e um pouco de atenção...

- Vamos brincar, moça?
- Claro!

Saiu correndo como um passarinho livre, e eu, como adolescente que esquecera que a infância acabou. Ficamos brincando um bom tempo. Cansada, pedi que parássemos um pouco e lhe comprei um sorvete. Perguntei por que estava sozinho e ele medisse que seus pais estavam trabalhando e que sua avó cuidava dele e sempre o trazia ao parque para brincar com outras crianças. Ele me perguntou o que eu fazia ali, delicadamente, respondi:

- Queria sair um pouco para me distrair, pois estava cansada do mundo.
- Cansada do mundo, o que ele fez para você?
- Quero dizer das pessoas, elas não se importam umas com as outras, só pensam no bem-estar delas.
- Entendo, moça.
- Meus pais também são assim, não “ligam” muito para mim.

Meu sorriso desapareceu e meus olhos se encheram de lágrimas, pois percebi que uma criança estava passando por uma situação muito parecida com a minha.

–Fique tranquilo que tudo irá se resolver. A partir de hoje, seremos grandes amigos e eu sempre virei brincar aqui com você!

–Combinado, grandes amigos. Mas você não é muito grande para ser minha amiga?

- Não mesmo, não sou uma amiga grande?

Rindo, ele respondeu que sim. Despedi-me daquele inocente garotinho prometendo que voltaria para brincar. Parecia ter ganhado todos os dias que eu havia passado chorando. Naquela tarde, percebi que a vida pode ser injusta, sim, mas também pode ser muito bela.

Ao chegar em casa, minha mãe notou que eu estava muito alegre e, sem conter sua curiosidade, perguntou:

–Por que estás tão feliz?

–Fiz uma grande amizade, com um pequeno menino.

–Como assim?

Contei a ela tudo o que tinha acontecido naquela tarde e, muito alegre, ela me disse:

–Eu lhe disse que tudo iria se resolver.

–É mesmo, mãe, você tinha razão.

–Acho que vou escrever, a alegria me trouxe inspiração.

–Claro, querida, vá em frente!

Subi as escadas cantarolando e feliz como nunca havia estado. Sentei em frente à escrivaninha e coloquei toda a minha felicidade para fora, como se as letras fossem flores brotando nas linhas do papel.

E, no final do texto, escrevi:

“A vida nos traz momentos difíceis, como um tempo nublado e, depois, nos mostra as coisas boas, como um lindo dia de sol”.

## Mundos Diferentes

*Carolina Kauer*

Os pés de Wilson já começavam a doer. As mãos cheias de machucados, mas agora dormentes, não demorariam a começar a arder. A boca sangrava, o olho pulsava como se ali houvesse um segundo coração. Os xingamentos mais ofensivos vinham à sua cabeça, ao pensar nos garotos que o haviam espancado. Tudo por causa daquele nome idiota, Wilson! O que eles tinham a ver com seu nome? Também, quem poderia entender as razões que se passam nas cabeças de moleques de... Os palavrões continuavam a jorrar na mente de Wilson, alguns deles não se segurando e pulando para fora de sua boca.

A noite já ia a toda. O relógio de camelô marcava nove horas. Espere, nove horas eram quando aqueles meninos começaram a bater nele. Wilson olhou mais uma vez, forçando para enxergar no escuro. Ótimo, os ponteiros estavam parados.

Wilson andava sem saber aonde ir. Não podia voltar ao viaduto onde frequentemente dormia, senão apanharia ainda mais do pai. Ele, constantemente bêbado, não admitia “frescura”.

De repente, o cenário começou a mudar. As ruas ficaram mais iluminadas e cada vez mais homens grandes e engravatados olhavam feio para ele. Logo, Wilson percebeu serem guardas de condomínios, restaurantes, academias e outros lugares que não eram próprios para, digamos, gente de seu nível social frequentar. Estava no bairro rico da cidade.

Havia uma casa, um pouco mais afastada das outras, envolta por árvores grandes e arbustos floridos. Um muro grande a cercava, mas a segurança não parecia ser muito reforçada.

Numa atitude sem muita reflexão, Wilson escalou o muro – ele era muito bom nisso – tomando cuidado para não ser visto. E lá de cima viu o que fez seus olhos brilharem e os ombros relaxarem como se já não fosse um menino de rua cheio de problemas precoces. Uma piscina cristalina que, de acordo com o vapor em contraste com o negro da noite, tinha a água aquecida.

Wilson pulou e parou assustado com o soar dos alarmes. “Droga!” pensou “sensor de movimento”. Ele rapidamente virou-se e já estava subindo novamente o muro quando foi puxado pela camisa velha para trás. Ele tentou se esquivar, mas quem quer que o estivesse segurando era realmente forte. Finalmente Wilson desistiu, já esperando pela bronca. Quando virou, deu de cara com um senhor de meia idade, gordo e meio careca.

– O que faz aqui, menino? – ele perguntou, com a voz grave, mas estranhamente calma.

– Cara, por favor, não chame a polícia – disse Wilson, o desespero começando a tomar conta. Ele já tinha fugido de um reformatório e não queria voltar para lá.

– Eu só queria... Eu só precisava...

– Precisava se limpar? - ele disse, olhando para a boca dele.

Wilson assentiu.

– Bem, a piscina não é lugar para se lavar. Venha, vamos entrar.

Wilson sabia que se tentasse fugir, ele o pegaria de novo. Não vendo outra opção, seguiu o homem grande.

Quando entraram na casa, o menino ficou impressionado ao ver como ela era bonita. Não sabia se era luxuosa ou somente não estava acostumado a ficar perto de coisas limpas e organizadas. No sofá, uma mulher bem mais nova que o senhor – talvez tivesse mais de vinte anos de diferença – fitava a televisão, aparentemente interessada no documentário que passava.

No entanto, quando Wilson e o homem entraram na sala de estar, ela virou com uma ruga de expressão muito deslocada em seu rosto bonito e jovem.

Estava preocupada.

– Vitor? Quem é esse menino?

O homem encarou e deu um sorriso de leve.

– É mesmo. Quem é você?

Wilson apressou-se a falar. Ainda não tinha entendido qual era a do cara, então, era melhor explicar o que havia acontecido, torcer para ele não chamar a polícia e dar logo o fora dali.

– Meu nome é Wilson, senhor – ele falou com o pouco de educação em desuso que tinha – Faz algumas horas que uns moleques me bateram e por isso fiquei sujo e não podia voltar para casa nesse estado e daí vim parar aqui nesse bairro e vi aquela piscina e pensei que poderia me limpar, só para não infequi... infeci... – disse ele se atrapalhando de tanto nervosismo.

– Infeccionar? – tentou a moça.

–É. - ele finalizou esperando a sentença final dos adultos.

– Tem razão. Pode infeccionar. Vem, vamos limpar esse machucado.

Wilson levantou a cabeça e olhou-a como se fosse louca. Ela estava oferecendo ajuda? Ele virou para o homem e ele consentiu com a cabeça. A criança a seguiu, acreditando não ter mais nada para perder.

Foram até a lavanderia, onde ela colocou os braços de Wilson embaixo da água corrente do tanque, secou-o com um pano limpo e, depois de colocar um pouco de água oxigenada por cima dos ferimentos, secou-as novamente. Limpou o sangue da boca dele, pôs um curativo no joelho e foi até a cozinha buscar um saco de gelo para pôr no olho inchado.

O garoto continuava estarecido. Ela o tratava como se fosse seu filho!

Nunca, em todos os onze anos de sua vida, com a possível exceção das poucas moedas que ganhava de esmola no semáforo, alguém tinha lhe estendido a mão.

Quando os machucados estavam limpos e cuidados, eles voltaram para a sala, onde Wilson se sentou ao lado de Vítor, enquanto Suely – o nome da moça com quem o senhor era casado – há – segundo ele mesmo, dois maravilhosos anos – ia preparar o jantar.

“Cuidado, comida, conforto...” pensou o garoto. “Puxa, eu devia invadir casas mais vezes”.

– Você parece ser um menino legal, Wilson. – Vítor disse cortando os pensamentos dele. – Mas saiba que não é sempre que as pessoas vão ser gentis com você. Tem de tomar mais cuidado e ser o mais honesto possível, entendeu?

Ele baixou a cabeça, envergonhado com o pensamento de alguns segundo atrás.

– Sim, senhor.

Quando o jantar – que àquela hora podia ser considerado uma ceia – foi anunciado, uma garota saiu de um dos corredores ligados à sala, com uma cara de confusa.

– Hã...Olá?

Wilson apresentou-se somente com nome e idade e, para sua surpresa, ela não perguntou o motivo de ele estar ali. Somente apertou sua mão e se sentou à mesa.

Ele devorou a comida – um cachorro-quente delicioso – como se não comesse há muito tempo, o que não era mentira.

Incentivado por Vítor, Wilson narrou como tinha entrado na briga e por que não poderia voltar para casa. Encabulado, ele contou que a mãe havia morrido por conta de uma bala perdida quando ele tinha sete anos e que, desde então, ele morava com o pai, mas vivia nas ruas. Deixou de lado o ano que passou no reformatório, pois não queria se passar por delinquente, apesar de acreditar, em parte, ser.

– Will, querido – Suely começou enquanto eles comiam sobremesa.

Sobremesa! Vítor e eu achamos que deve ficar aqui esta noite. Isto é, se você quiser.

O menino abriu um sorriso largo deixando clara sua decisão.

Mais tarde – meia-noite conforme o alarme-relógio de cabeceira – deitado na cama do quarto de hóspedes, Wilson ouviu um tilintar de chaves na porta. Trancado! Eles haviam trancado! Primeiramente uma raiva intensa tomou conta dele, mas, aos poucos, ele foi se acalmando e percebendo que, afinal, tinha sido acolhido e tratado como um filho. Ele não poderia ficar brabo por terem se certificado de que não sairia no meio da madrugada roubando metade da casa.

Enquanto retomava a tranquilidade, ele pensou na mãe, em Vítor e Suely e na filha deles. Como era mesmo o nome dela? Por que não tinha perguntado?

Não teve tempo de descobrir a resposta, pois, enfim, o corpo sucumbiu ao cansaço e a mente mergulhou em um sono profundo e calmo.

Quando acordou, a porta já estava destrancada. Ele levantou, desamarrotou as roupas, arrumou o cabelo e foi até a cozinha, de onde saía o barulho ritmado do liquidificador.

Suely preparava uma baita batida de frutas e leite e conversava com Vítor animadamente, que tomava café sentado na bancada de granito.

Quando os dois perceberam a presença do garoto, sorriram, deram-lhe bom dia e o convidaram para o café da manhã. Ele aceitou e começou a comer com voracidade.

– Wilson, hoje você irá à construção comigo.

Ele levantou o olhar da torrada para encará-lo, mais uma vez confuso.

– Tenho uma empresa construtora. Estamos erguendo um prédio no centro da cidade e quero que você vá comigo e aprenda um pouco sobre o assunto. – Ele falou. Não era uma pergunta, mas tampouco uma ordem. Era mais como se Vítor soubesse o que seria melhor para ele.

E quando Vítor e ele saíram de carro, conversando sobre tudo e sobre nada, o pequeno garoto de rua criado sozinho e sem muitas demonstrações de carinho percebeu que havia encontrado alguém que se importava com ele. Alguém que iria criá-lo.

Talvez isso fosse o que ia contra e, ao mesmo tempo, o que o incentivava a fazer o que fez assim que Vítor não estava olhando: fugir.

Wilson tinha tomado ainda outra decisão: um dia, ele retribuiria a gentileza e o altruísmo que Vítor, Suely e a menina – mas como ela se chamava mesmo? – tinham lhe feito. Eles tinham retomado a fé na raça humana.

No entanto, ele não pertencia àquele mundo. Ao menos por enquanto, ele devia viver como um pássaro, migrando de lugar em lugar e que, apesar do conforto e da comida oferecidos por certas gaiolas, precisava continuar livre e voar.



## **Dedo sujo de tinta**

*Cristiano Enrique de Brum*

Pedro subitamente parou. Percebeu como o teclado numérico em sua frente era parecido com o da sua máquina na firma: igual aos que existem nos celulares ou telefones públicos. De repente, ocorreu-lhe que deveria existir alguma norma internacional que regulasse coisas desse tipo. Sabia que a máquina em que trabalhava no pavilhão 3 era feita no Japão, ocorreu-lhe que essa máquina também poderia ser construída lá...

Existiam algumas diferenças: na fábrica, o teclado numérico não apresentava os pontilhados do braile, a máquina a sua frente, sim; na fábrica, a máquina possuía um visor (rachado por um acidente de trabalho) preso em um painel acima do teclado; nesta máquina, uma tela brilhante se apresentava ao lado das teclas. Além do teclado numérico, esta última máquina ainda apresentava três botões adicionais em cores diferentes (branco, laranja e verde, este último com um destaque maior), dois deles, Pedro não sabia para que serviam.

Por um momento, olhou para seu dedo, sujo de tinta preta. A tinta denunciava sua condição: analfabeto. O seu mundo se resumia a decorar meia dúzia de sequências de números. Isso era mais do que necessário para operar a máquina na fábrica. A sequência mais utilizada era 99875. Uma sequência de números diferente para cada serviço, e depois de mais de 35 anos trabalhando, isso não era um problema grande.

Problemas ele tinha em casa.

O aluguel, os remédios da sogra, um puxadinho para o primo paraplégico na parte de trás da casa, a comida e a educação dos netos. Esse era o mundo de Pedro: seu trabalho e sua família. Ainda existia a cirurgia. Pedro havia se submetido a uma cirurgia em função de um câncer de estômago, há cerca de uma semana e meia. Mas isso não o abatia: precisava ajudar a manter a família. Tinha de correr atrás do atraso, pois o benefício do governo ainda não chegava, além disso, a firma fazia questão de sua presença: era um empregado modelo, em todos aqueles anos, nunca havia aderido às greves sindicais. Pedro só ficava em frente ao teclado numérico de sua antiga máquina japonesa, digitando os números de ativação na seguinte ordem: 99875.

Agora ele estava em frente a uma máquina diferente. Uma máquina que poderia, segundo diziam as emissoras de rádio e tevê, mudar todo o mundo de Pedro. Dentro deste mundo, poderia conseguir os remédios da sogra, ter uma casa própria, ter comida e estudo para os netos. Pedro achava isso uma grande coisa. Porém, a única coisa que conseguiu digitar no teclado foi: 99875.

Sentiu uma fisgada abaixo do tórax. Eram os pontos da recente cirurgia. Às vezes, ele sentia uma forte “pontada” involuntária, nos pontos do local do corte. Porém, desta vez, a “fisgada” não era devido aos pontos.

Pedro não sabia, mas o seu período pós-operatório estava tendo complicações graves. Há vários dias, o interior do seu estômago estava infeccionado, e naquela mesma manhã, após um mal-estar, Pedro nem suspeitou estar com uma hemorragia interna.

– Tudo bem, aí, Seu Pedro? – Gritou uma voz por de trás da máquina, além da proteção de papelão.

Era Henrique, o seu sobrinho. Jovem, inteligente, professor recém-formado, com um futuro promissor pela frente, se comparado a outros membros da família. Seu mundo era muito diferente do mundo do tio. E não por coincidência, ambos estavam na mesma seção eleitoral, em uma escola do mesmo bairro em que moravam.

Era domingo, mas não um domingo qualquer, era um dia de decisão. Um dia de decidir os rumos do país. Ouvira no rádio, na fábrica, durante o último mês inteiro, sobre a importância daquela data. Pedro pensava que pouca coisa mudaria no seu mundo, no seu universo, (seja o “mundo da família” ou o “mundo da fábrica”) essa reflexão era resultado de anos daquilo que o rádio chamava de democracia. Que palavra difícil! De-mo-cra-cia. Mas para Henrique, o sobrinho querido, aquela palavra era de fácil compreensão. Por essa e outras, Henrique estava ali, para ajudar a impulsionar a decisão sobre os “rumos” do país. Henrique recebeu uma carta convocatória, ele era mesário.

– Tudo bem, tudo bem! – apressou Pedro.

Naquela mesma manhã, pela primeira vez, depois de tantos anos trabalhando, na mesma máquina, com pessoas diferentes, mas sempre com o salário igual – praticamente nulo – alguém havia perguntado o que Pedro achava de trabalhar no domingo, quando estava em recuperação de uma

cirurgia e ainda em dia de eleição. Enfim, queria saber se ele tinha alguma reclamação ou algo do tipo.

Pedro pensou... Nunca antes, em momento algum, tanta coisa lhe passou pela cabeça em período tão curto de tempo... Pensou em falar sobre tudo aquilo que o desagradava. Pensou em jogar para fora todos os anos de sofrimento, de abusos e de lágrimas. Pensou rapidamente em tudo isso.

“Não, nenhuma. Está tudo bem”, disse ele, com um sorriso na face.

“Tudo bem.”

Escondido pela lâmina branca de papelão que formava uma espécie de escudo legionário romano a sua frente, Pedro olhou para a mão esquerda. Ali, amassado entre suas falanges, encontrava-se um papel pardo, desses de embrulho de padaria. Nesse papel, estava rabiscado um conjunto de seis números (escritos com um lápis de cor verde), que Pedro devia reproduzir na máquina. Mas esses números eram diferentes, não seguiam o mesmo padrão dos números da fábrica. Eram números que representavam propostas, ideias diversas que poderiam mudar o mundo de Pedro. Os números tinham sido escritos pela sua esposa: Sílvia. Os números tinham sido indicados pela patroa de Sílvia. A patroa dela era inteligente, estudada; deveria saber o que era melhor para todos. Isso era o que Sílvia pensava. Tinha estudado até a quarta série, mas tinha uma caligrafia muito bonita, bem desenhada e limpa, apesar dos erros de gramática. Sílvia era empregada doméstica, ou como outros gostavam de dizer: administradora do lar. Sílvia adorava o soar dessa expressão, que transmitia autoridade e inteligência.

No papel, os números haviam sumido, estavam borrados, por causa do suor da mão de Pedro. Números, por toda parte: números nos documentos no bolso da camisa, no teclado numérico, nas colagens infantis nas paredes da sala, na sola do seu sapato, surpreendiam o homenzinho magro atrás da muralha de papelão. O mundo era feito de números. Havia medidas para tudo: para a sua altura, seu peso, sua velhice, sua pobreza, para os remédios de sua sogra... Quem dominasse os números dominaria o mundo!

Enquanto isso, no outro lado da cabine de papelão, naquela mesma sala, o terminal onde Henrique estava sentado anunciava, por um código binário numérico decodificado, a seguinte frase: “O ELEITOR ESTÁ DEMORANDO. O ELEITOR ESTÁ VOTANDO?” Henrique pensou em três coisas: na idade avançada do tio, na sua recente cirurgia e na sua alfabetização praticamente nula.

Pedro pensou em três coisas: na recente cirurgia, nos netos e nos números 99875. Enquanto isso, a mancha escarlate crescia sob o pano vagabundo da camisa, costurada pela esposa, a mancha contrastava com o branco encardido da imitação plástica de madreperla dos botões em seu peito.

Em um primeiro momento, quando percebeu que estava caindo, tentou se apoiar na cabine de papelão, que se dobrou quase que instantaneamente. Depois foi como em um efeito de dominó: derrubou a urna, a mesa e uma cadeira próxima. Foi parar no chão sobre um emaranhado de fios que estavam presos com fita crepe, enquanto todos corriam a sua volta, inclusive uma jovem estudante de medicina e o seu sobrinho.

Pedro, com a mão direita, a mesma do dedo sujo de tinta, segurava a camisa de botões. O dedo sujo de tinta, a camisa suja de sangue. Na mão esquerda, números desconhecidos com a grafia caprichada da esposa. Na tela da máquina, piscavam os números mais importantes do mundo de Pedro. Um mundo que aos poucos deixava a sua mente, assim como sua mente deixava este mundo para trás...

## **Eu e meu mundo**

*Eduardo de Paula do Nascimento*

Dachau, 29 de abril de 1945

Imaginei que talvez, naquele exato momento, em um mundo diferente do meu, o sol primaveril banhasse as tranquilas águas do Rio Amper e dourasse as vastas planícies da Bavária. Talvez ainda um pequeno garoto alemão corresse descalço a perseguir uma pequena truta por entre as pedras em algum local onde o rio alargasse. Talvez ele capturasse o pequeno peixe e o retirasse da água que lhe dava vida e o devoraria logo após oferecê-lo, imaginariamente, ao Führer.

O sol, o rio, o peixe, o menino, coisas que eu talvez jamais veria novamente, pois não pertenciam mais ao meu mundo ou ao de todo o incontável amontoado de prisioneiros trancados há mais de três dias em um dos vários galpões do campo de concentração de Dachau, sem água, ou comida, ou família, ou honra. Apenas uma multidão silenciada, não apenas pela subnutrição, mas pela contínua humilhação à qual nós, semissobreviventes, nos submetemos para chegar até ali. Aquele sim era o meu admirável novo mundo.

Cerrei os olhos e lembrei-me da loja de meu pai nas estreitas ruas secundárias de Berlim. Pude ouvir as risadas de Kurt e Rebecca e quase vê-los correndo no quintal, nos fundos de nossa pequena mercearia. Kurt, o vizinho e amigo inseparável de infância, não saía de nossa casa. Rebecca era minha prima e, apesar de ser um pouco mais nova, procurava nos acompanhar. Naquele dia, quando corríamos tentando pegar uns aos outros, ouvimos um forte barulho de vidro estilhaçando. Corremos para a parte interna da mercearia e percebemos que a porta frontal havia sido alvejada por uma pedra, atirada certamente por alguém que participava da pequena passeata que ainda passava à frente.

– Malditos Nazis! – Esbravejou meu pai.

Recordo-me de como a mãe de Kurt quase arrancou seu braço puxando-o para fora da loja. Nunca mais brincamos juntos depois daquele dia. Foi a primeira de muitas perdas que tive.

Abri os olhos com certa dificuldade. Alguém próximo a mim tossia muito, parecia engasgado. Não fui em seu auxílio. Ninguém foi. Logo, a tosse cessou.

Fechei novamente os olhos e a memória conduziu-me à minha primeira viagem de trem em 1939, a caminho de Varsóvia. Muitos judeus, como nós, fizeram aquela viagem em busca de um refúgio que, no âmago, sabíamos que não existia. Logo, a esperança foi-se comprimindo, tal como o espaço reservado para os judeus.

O inverno de 1940 foi o primeiro que passamos no Gueto. Havia perdido praticamente toda minha infância e perdia agora o apogeu da juventude confinado, vigiado, humilhado. Foi naquele Gueto que aprendi as regras do jogo que me fariam vitorioso até hoje. O desafio humano cujo único objetivo era a sobrevivência.

Pouco menos de três meses depois do início do confinamento, a ração diária já estava à terça parte da que recebíamos quando chegamos. A desnutrição atrai doenças e vi meu pai definhar até a morte. Talvez a mesma doença ou mesmo a necessidade de acompanhar o destino do marido tenha levado também minha mãe. Assisti passivamente a essas perdas, mesmo porque todos que protestavam eram friamente assassinados. Todavia, o medo não pôde impedir-me de assistir passivo à doença de Rebecca. Foi quando comecei a jogar.

Não foi difícil encontrar um soldado que aceitasse suborno e logo passei a levar alguns objetos de certo valor para barganhar ração extra e remédios. No início, troquei todos os pertences de minha família. Depois que acabaram, comecei a disputar com outros jogadores os objetos deixados por judeus que morriam nas pequenas e imundas casas do Gueto. Lembro-me de que, certa vez, ao adentrar um quarto de uma casa qualquer, deparei-me com uma velha senhora desfalecida. Aproximei-me, tomei-lhe a mão e pus-me a retirar um dos dois anéis que possuía. Percebi que havia ainda calor em sua mão e, ao olhar seu rosto, vi que me fitava. Não havia ódio em seu olhar, sequer desprezo. Cheguei a largar sua mão e pensei em sair do quarto. Mas Rebecca ainda precisava dos remédios que os anéis garantiriam. Pilhei-os. Um deles, troquei por remédios. O outro, que tinha uma rara pedra azul, dei como prova de meu amor à Rebecca.

Roubei outras vezes, sequer me lembro quantas. Era como se houvesse certo ópio que me tornava dependente do jogo da vida. Ópio que trazia leve torpor à cada mísera vitória, entorpecendo a consciência e preparando-nos para a próxima batalha.

Rebecca sobreviveu ao Gueto até o dia em que nos separaram para levar-nos aos campos de concentração. Em nosso último abraço, implorou que eu sobrevivesse e que a procurasse “quando tudo terminasse”.

Fui trazido diretamente para Dachau. Logo, pareceu-me mais forte a morfina do campo ao ópio do Gueto. A cada eliminação da qual eu fazia parte, indiretamente, por calar-me frente às atrocidades, ou diretamente, por entregar outros jogadores, acusando-os de planejarem rebeliões, sentia-me mais próximo do reencontro com Rebecca.

Quando os jogadores se tornaram poucos e a possibilidade de qualquer rebelião passou a soar como piada aos ouvidos dos guardas alemães, voluntariei-me a ajudá-los com os corpos que já começavam a amontoar-se. Era meu dever levá-los ao crematório. Era minha sobrevivência recolher os dentes de ouro por entre as cinzas dos fornos. Assim, sobrevivi aos adversários, à febre tifóide e a mim mesmo.

Os primeiros aviões do exército americano que sobrevoaram Dachau, porém, fizeram com que as regras do jogo mudassem. Os soldados alemães simplesmente nos trancaram nos galpões, encerrando o jogo.

\*\*\*\*\*

Pensei em abrir os olhos novamente, mas não o fiz. Talvez não houvesse mais o ópio da vida circulando em meu escasso sangue. Sequer o pedido de Rebecca me inflamava.

Pensei em dormir, talvez o sono perpétuo. Foi quando ouvi um estrondo próximo ao galpão onde estávamos. Foi o primeiro de muitos. As sirenes misturavam-se às ordens dos poucos guardas que restavam. Em pouco tempo, as ordens cessaram e o alarme parou.

Novas vozes surgiram aos poucos em língua desconhecida. Pareciam revoltadas. Ovi soldados alemães implorando por clemência. Depois disso, alguns disparos isolados. Certamente, estavam sendo executados pelo exército inimigo que enfim chegara para colocar um final em toda aquela angústia.

“Quando tudo terminar...” – Pude sentir o sussurro de Rebecca em meu ouvido, mas já não havia mais forças em meu corpo.

Abriram o portão do alojamento. Abriram-se novamente as portas para o verdadeiro mundo.

Vi os olhares espantados dos americanos, assustados, estarrecidos, perplexos. Um deles pediu, em alemão, que nos levantássemos. Nenhum dos que ainda estavam vivos conseguiu. Outro deu uma ordem e os soldados nos pegaram em seus braços e, um a um, levaram-nos para o pátio em frente aos galpões. Colocaram-nos em caminhões que ali estavam e partiram, provavelmente para levar-nos à sua base, onde certamente haveria socorro médico.

Não havia forças em mim, mas a voz de Rebecca reverberando em meus pensamentos alimentava-me de certa esperança.

Pouco depois que o caminhão partiu, pude ver quando passamos pelo portão principal do campo de Dachau e li pela última vez a irônica frase nele escrita por ordem do próprio Führer: Arbeit macht frei (o trabalho liberta).

Assim que saímos do campo, avistei centenas de mortos empilhados junto a uma fileira de carruagens que continham a inscrição de Buchenwald, outro campo de concentração não muito distante dali, para onde haviam sido levadas mulheres e crianças. O caminhão seguia lentamente e a visão de cada uma das carroças cheias de cadáveres, embora dantesca, não me impressionou tanto.

Acreditei cegamente que nada mais me impressionaria até que, ao lado de uma das carroças, avistei vários soldados alemães abatidos e, entre eles, o corpo de uma oficial alemã. A visão me faria feliz caso não houvesse um anel com uma rara pedra azul em seu dedo anular...

\*\*\*\*\*

Os caminhões não pararam. Logo, chegamos à ponte pela qual atravessamos o Rio Amper. Já não ouvia mais o sussurro de Rebecca a esperar-me.

Vi o sol, o rio, o peixe, o menino a correr por entre as pedras atrás do peixe, vi que havia um mundo maior que meu pequeno mundo. Nada mais vi...

\*\*\*\*\*

“Foi como se, de repente, tivéssemos penetrado no âmago de um coração enegrecido”. Meyer Levin - Jornalista americano que acompanhou a libertação do primeiro campo de concentração pelo exército aliado.

## **O velho e a sacada**

*Daniel Fernando Gruber*

Dachau, 29 de abril de 1945

Tantas mil pessoas viviam naquela cidade e todas elas, sem exceção, buscavam apenas uma forma de conduzir com dignidade o espaço de tempo entre o seu nascimento e a sua morte, que convencionaram chamar de vida. Um eufemismo barato para definir suas rotinas. Embora, no geral, a maioria delas esperasse basicamente conquistar um sucesso repentino, ou um dinheiro fácil, ou uma satisfação imediata, ou uma felicidade estável, e quase sempre acreditassem que era preciso ter sucesso para se chegar ao dinheiro, e satisfação para se chegar à felicidade, ainda que continuassem a passar seus dias na angústia, ou porque não haviam sentido o gosto da vitória, ou porque já o haviam deixado escapar.

Contudo, ninguém naquela barulhenta e próspera metrópole se dava conta de olhar para cima, para um pequeno prédio de três pisos no Centro, perdido em meio às lojas de departamentos que margeavam as avenidas principais, onde talvez morasse alguém que um dia já foi famoso e que agora havia sido deixado para o esquecimento. Pois era um prédio tão velho e nanico diante da flora de arranha-céus envidraçados – que se erguia gloriosa sob o céu cinzento – que era terrivelmente evidente o fato de ninguém saber o nome do pobre diabo que insistia em ocupar o segundo andar, o único que ainda estava em condições de habitação.

E com exceção do filho, que mora nos Estados Unidos, e de outras duas pessoas além do carteiro (que aparecia muito pouco), ninguém sabia que ali vivia o velho Scharnowski, o último polonês violinista da orquestra de polca que tocou para o presidente Médici na Festa Internacional dos Estados, em 1975. O próprio senhor Scharnowski às vezes se esquecia disso, e era preciso passar os olhos pelos portarretratos da sala para se lembrar do homem que foi. Pois assim como as pessoas lá fora, um dia ele acreditou em seus sonhos, planejou seu futuro, teve fé e, lentamente, viu suas expectativas se diluírem junto com o reboco do teto – como uma infiltração causada pelo mofo do tempo – e

agora, aos 85 anos, a única coisa que o ligava ao resto do mundo era a claustrofóbica sacada do apartamento, que dava apenas para uma montoeira de carros em volta da avenida principal. Mas para o velho Scharnowski, o que havia lá fora não passava de uma algazarra infernal, e uma linha de produção industrial diabólica, que servia aos caprichos de governantes remanescentes do Nazismo. E ponto.

Por ele, nem saía de dentro de casa. Mas era preciso fazer isso pelo menos uma vez ao dia para levar o lixo e buscar comida, e em todas as manhãs era preciso sair à sacada para cuidar da meia dúzia de vasilhas onde plantava suas begônias-asa-de-anjo. E embora a sacada fosse acometida pela sombra eterna dos edifícios comerciais, havia um determinado período da manhã – exatamente entre 7h15min e 8h30min na meia estação – em que o sol tocava o parapeito. Essa rápida lambida de luz era o suficiente para que as plantinhas do senhor Scharnowski se mantivessem vivas e exuberantes, e ele sabia que esse era o milagre da vida e ficava estarecido e extasiado. Ele amava e admirava as plantas acima de tudo, especialmente porque elas eram mais inocentes do que qualquer outra coisa viva sobre a Terra; tolerava os animais (ainda que os considerasse traíçoeiros, egoístas e instáveis) e desprezava os seres humanos. Uma planta, porém, jamais faria mal a alguém e elas mereciam todo o nosso respeito.

O senhor Scharnowski tinha, ainda assim, uma caturrita amarela chamada Anna Karina, que vivia em uma pequena gaiola de bambu pregada à parede da sacada, e um gato cinza, velho e magro, chamado Pavarotti (como o cantor, com a diferença que miava em soprano ao invés de tenor – era um gato castrado), e em todas as manhãs, entre as sete e as oito, ele tinha que sair ao mundo para trocar a bandeja de areia e limpar a gaiola. Dava uma olhada na rua só para confirmar as estranhezas que já conhecia – motoristas buzinando no cruzamento, crianças vendendo balas na sinaleira, muita gente caminhando apressada, sem olhar umas para as outras – e então ele voltava para dentro.

Naquela manhã em especial, não havia nada diferente do lado de fora que já não tivesse enchido de decepção o velho Scharnowski, mas lhe chamou a atenção um cachorro velho e sarmento que revirava a lixeira do prédio e que, apesar de acabado e desamparado, era bonito, pardo e altivo, e talvez um dia tivesse sido um belo cão de torneio.

– Xô, cusco! – gritou o velho da sacada. – Vá revirar o lixo da padaria!

Mas foi naquela mesma manhã estranha, em que o sol não apareceu, e um vento forte soprou uma de suas plantas para baixo, e varreu a areia do gato, e o ponteiro do relógio simplesmente parou de girar, que o velho Scharnowski voltou a se confrontar com a morte. Durante muitos anos, ele achou que estava longe dessa peste miserável, que ele viu dizimar todos os seus amigos durante a ocupação da sua Cracóvia. O senhor Scharnowski achou que, por muito tempo, a morte não bateria de novo à porta do seu apartamento, com seu manto negro, sua foice torta e seu rosto encaveirado, mas, naquele dia, ela deu as caras, como se viesse lhe trazer um aviso, um anúncio prévio de uma visita posterior. Naquele dia, ela debochou da cara do senhor Scharnowski e levou o seu Pavarotti.

O pobre gato morreu engasgado com um osso de galinha, que roubou do lixo de cima da pia, e quando o senhor Scharnowski se deu conta, não expressou mais do que um resmungo. Como não tinha onde enterrá-lo, enrolou o cadáver numas folhas de jornal e o pôs no saco do lixo. Quando foi levá-lo para fora, disse num tom muito grave:

– Tá vendo, Pavarotti, de tanto fuçar no lixo, acabaste indo parar dentro dele.

E a tarde daquele dia estranho então continuou a passar devagar, mas o senhor Scharnowski se entreteve com a Balada em Sol menor de Chopin, que pôs para rodar no velho toca-discos, uma taça de vinho e a leitura de O velho e o mar, de Hemingway, que já estava nas páginas finais. Afofou a almofada da cadeira de balanço como faz um gato preguiçoso, desdobrou o cobertor de flanela e se preparou para uma tarde tranquila.

E então, a campainha tocou.

Tocou uma vez, mas, como o senhor Scharnowski ficara só a resmungar, tocou uma segunda vez e ainda uma terceira. “Já vai, já vai!”, gritou o velho e voltou a calçar seus chinelos, derrotado. Viu uma cara redonda e de olhos esbugalhados – deformada pela lente angular do olho mágico – de um jovem perfeitamente bem vestido. Abriu a porta pela metade, sem tirar a correntinha da tranca e colocou metade do rosto para fora. Não disse nada.

– Boa tarde! – saudou o jovem, com uma simpatia de dar nojo. – Estou procurando o Sr. Scharnowski.

– O que quer com ele?

– Apenas conversar, sou jornalista.

– Ah! – resmungou o velho – mais um.

Retirou a tranca e voltou para dentro. O visitante o seguiu.

– Meu nome é F. F. Martins, repórter da revista Retrato.

– Não conheço.

O jovem olhou para a mesinha de telefone e enxergou uma pilha da revista Retrato. Era uma publicação de cultura bastante conceituada e uma das poucas coisas do mundo moderno que ainda entusiasmavam o senhor Scharnowski.

– Quero entrevistar o senhor.

– Não dou entrevistas.

– Estamos resgatando a história de grandes artistas que foram esquecidos – justificou o repórter. – Será uma matéria muito bonita...

– Eu não dou entrevistas.

– Meu editor quer a matéria de qualquer jeito, Sr. Scharnowski. Falando de coração, será muito pior se ele mandar alguém escrevê-la com depoimentos de outras pessoas.

– O que são vocês? Da KGB?

– Será uma reportagem muito bonita – repetiu o jovem.

O velho Scharnowski, que, acreditem ou não, um dia já foi jovem, foi um dos maiores violinistas de seu tempo. Regeu apresentações sinfônicas nos maiores teatros do mundo, compôs peças monumentais e inspirou milhares de jovens músicos. Esteve prestes a dirigir uma ópera épica sobre a Segunda Guerra e a consolidar-se como um dos maiores mestres da música clássica contemporânea, mas jogou tudo fora ao se afundar na bebida. Perdeu o que tinha em pouco tempo e logo ninguém mais sabia quem era Vladimir Levi Scharnowski.

– Aposto que estão recolhendo dados para o meu obituário.

– Não fazemos obituários em vida, Sr. Scharnowski – mentiu o repórter.

A partir daí, foram exatamente três perguntas (nenhuma delas respondida devidamente) que o jovem conseguiu realizar antes que o velho se irritasse de verdade e o expulsasse a vassouradas. Foi mais ou menos assim:

– Por que o senhor parou, Sr. Scharnowski?

- Não posso mais tocar, minhas mãos tremem. Estou velho, é isso.
- Tremem por causa da velhice ou por causa da bebida?
- Suma daqui, seu filho da mãe de uma figa!

\* \* \*

Mila Chazit preparava um chá de erva-doce numa linda manhã de setembro, enquanto o senhor Scharnowski olhava para o ataúde do violino em cima da mesa, contemplativo. Mila Chazit estranhou seu semblante melancólico, o seu jeito estático, e perguntou, com toda ternura do mundo, como era seu costume, o que havia acontecido. Ele respondeu sem virar o rosto, e sua voz saiu rouca como a de uma criança chorosa.

- Não posso tocá-lo.

Mila Chazit foi até ele e o abraçou com força. “Ah, meu velho, como me entristece ver você morrer com vida”. Então, ele se sentiu envergonhado de seu próprio egoísmo. Sua felicidade não dizia respeito somente a ele, mas também a ela, ao filho, aos netos, ao gato, ao passarinho. “Tu não podes te negar ao resto do mundo”, disse Mila Chazit com sua sabedoria de matriarca. “Por quê?”, quis saber Scharnowski, e ela respondeu solenemente: “porque é cruel negar aos outros aquilo que admiram em ti”.

Então, o velho Scharnowski acordou, e não era de manhã, nem Mila Chazit estava lá, e ainda era agosto. Naquele dia, o sol também não apareceu na sacada e as plantas começavam a murchar. Depois das oito, ele percorreu a sala de pijama e passou os olhos pelos retratos de Mila Chazit sobre a estante. Bem ao lado de suas fotografias antigas, na prateleira dos livros, avistou o velho exemplar de *O Pequeno Príncipe*, de onde ela havia tirado lições como aquela, que costumava repetir ao filho quando ele era pequeno.

Alguma coisa fez sentido no peito do senhor Scharnowski e ele correu para o telefone como se a qualquer momento a coragem fosse se esvaír pela boca.

- Revista Retrato – disse a voz feminina do outro lado da linha.
- Quero falar com o repórter não sei o quê não sei o quê Martins.
- Só um minuto, por favor.

- Alô?
- Aqui é o Scharnowski.
- Senhor Scharnowski, que alegria! A que devo a honra?
- Pode vir ao meu apartamento hoje à tarde?
- É claro que posso!
- Está bem. Até mais.

Quando chegou lá, o jovem levou a xícara fumegante à boca, deu o primeiro gole e, além do delicioso aroma do chá, sentiu uma enorme paz, com certa intimidade, como uma pausa para beber água antes de uma longa jornada através de uma selva fechada.

– Quero só esclarecer – disse ele. – Sei que o senhor se sente intimidado, e não vou forçá-lo a dizer nada que não queira até que confie em mim. Virei vê-lo quantas vezes for necessário para que se sinta à vontade para abrir sua vida.

O senhor Scharnowski deixou escapar uma espécie de grunhido. Era teimoso, mas havia percebido que afinal o jovem merecia alguma recompensa por sua dedicação. Levou-o até seu quarto e puxou de debaixo da cama um velho baú onde guardava tudo o que dizia respeito à sua carreira. Havia fotos daquela época, partituras originais e recortes de revistas com críticas de seus espetáculos e notas sobre suas obras. Mas o repórter não pareceu impressionado. Estava inquieto e olhava ao redor à procura de algo.

- Quero ver o seu violino, senhor Scharnowski.
- Isso jamais – respondeu o velho, entre uma pausa silenciosa.

Mas os encontros se repetiram por muitas semanas seguidas, nas quais o jovem vinha visitá-lo mais ou menos a cada três dias, e as tentativas frustradas e resistências secas se repetiam constantemente, embora o repórter sempre saísse de lá com uma ou duas questões respondidas. O que mais lhe interessava, no entanto, sobre a queda do senhor Scharnowski e o enterro de sua carreira, este jamais lhe contava. Com o tempo, o velho passou a não se irritar mais com as tentativas do entrevistador e, no final, chegava a se divertir vendo a angústia dele diante de sua negação.

Certa manhã, o senhor Scharnowski acordou com a sensação de que a vida era menos solitária do que estava habituado a acreditar. Nesse meio

tempo, ele sequer tocou no O velho e o mar que estava lendo, mas decidiu acabá-lo numa tarde em que o jovem não o visitaria. Foi uma tarde agradável e uma leitura tranquila, embora o final do livro deixasse a desejar. À noite, havia um vento quente e tão agradável na rua, que ele se sentiu impelido a sair de casa. Quando foi levar o lixo para fora, virou os olhos para o lado – coisa que jamais fazia, pois a rua não merecia seu interesse – e encontrou os do velho cachorro pardo, que tantas vezes vira, de sua sacada, remexer a lixeira. Eram olhos tristes e cansados, mas, sobretudo, silenciosos. Não havia aquele drama habitual e sensacionalista que há no olhar dos cachorros pidões, mas o olhar de uma criatura solitária que reconhece outra.

– Tás com fome, sarnento? – perguntou.

O cachorro ergueu o pescoço e as orelhas, mas o rabo permaneceu inerte e ele não respondeu nada. Estava a uns dez metros do velho Scharnowski e a distância poderia ser percorrida em menos de vinte passos, mas parecia incalculável e intransponível. O velho chamou o cão de todas as formas que lembrava de chamar um cão, mas o animal permanecia imóvel. Curioso, mas imóvel. O velho, então, estufou o peito, encolheu a barriga e encheu-se de bravura – como o jovem que outrora atravessara um vilarejo inteiro tomado por alemãs, para pegar o trem que o levaria ao navio dos refugiados – e depois olhou para os lados e pôs o primeiro pé à frente. Sentia-se como se, a qualquer momento, um carro fosse perder o controle na pista e avançar sobre a calçada onde estava, ou alguém fosse lhe apontar uma faca e mandar tirar o seu relógio, ou outra coisa qualquer que acontece se você sair na rua. Deu o segundo passo e o terceiro, e no quarto, o cachorro se ergueu. O senhor Scharnowski parou e esperou, e o cão continuou imóvel, e quando voltou a andar, o animal virou o corpo, depois a cabeça e, então, correu para longe. O senhor Scharnowski soltou um resmungo e voltou para o apartamento.

A noite estava quente e o senhor Scharnowski achou que era uma boa oportunidade para banhar-se na banheira. Não costumava fazer isso nos dias frios, mesmo que a água estivesse quente, porque a banheira era pequena e os dedões dos seus pés ficavam de fora. Encheu-a até a borda, tirou a roupa e deitou-se confortavelmente. Por um momento, teve a sensação de que era criança e que estava indo para a cama de palha em frente à lareira na Cracóvia, e que sua mãe viria tapá-lo e lhe contar uma história. Depois, avançou alguns anos e sentiu como se estivesse se enfiando debaixo das cobertas, para esperar Mila Chazit se deitar ao seu lado e lhe fazer carícias.

Fechou os olhos para a sensação tornar-se real, deixando que a água quente o cobrisse por completo até perder a respiração. Sem se dar conta, a água o consumia e o puxava para baixo, e ele não pôde abrir os olhos para ver que Mila Chazit ou sua mãe não estavam lá. Por um instante, sentiu-se como se tivesse sido engolido por uma baleia, ou regressado ao estado fetal no útero materno, ou afundado na profundidade do seu inconsciente. Então, acordou e emergiu do fundo num salto, assustado, como se tivesse morrido e voltado, e trazido de lá uma nova sabedoria. Parou, pensou um pouco e gritou: “merda!”.

O caminho entre o banheiro e o quarto – que compreendia ainda a sala e o corredor – ficou marcado pelas pegadas molhadas no soalho, formando uma trilha apressada que representava muito bem a urgência do que o senhor Scharnowski tinha ido fazer. Com uma toalha enrolada na cintura e um roupão que ele catou no meio do caminho, dirigiu-se ao alto do roupeiro e puxou de lá uma velha caixa de papelão. Colocou-a cuidadosamente sobre a cama e tirou de dentro seu antigo violino Stradivarius, intacto, polido e intocado, depois o arco, e por fim uma pasta preta com suas melhores músicas. Carregou-os até a sacada, armou uma cadeira de praia e sentou-se na quietude da madrugada, tendo como cenário um céu estrelado que jamais tinha visto daquele ângulo. Levou o violino ao ombro como se segurasse uma criança de colo, fechou os olhos e, com o arco, fez as cordas chorarem em seu lugar.

A primeira nota fez “nhéeeee”, a segunda fez “uóooo”, e na terceira ele teve de abrir os olhos. Observou os dedos que tocavam o braço do instrumento e os achou inseguros e vacilantes. Depois olhou para a mão que segurava o arco e sentiu que ela tremia como uma pessoa convulsa. Concentrou-se novamente, fez força para conter o tremor e voltou a deslizar sobre as cordas, sentindo-as vibrar com a alma. Uma ou duas notas saíram certas, mas a maioria saiu frouxa. Tomado de fúria, o senhor Scharnowski levantou-se de supetão e arremessou com força tudo o que tinha em mãos – violino, arco, partitura e cadeira de praia – tudo sacada abaixo. Depois se recompôs e grunhiu.

Manteve o episódio dessa noite em segredo por algum tempo, mas, após três meses de entrevistas, acabou contando ao repórter. Este, por sua vez, não esboçou grande reação. Escutou o relato em silêncio e depois perguntou: “o senhor quer que eu publique isso?”. O que lhe soou inesperado e compreensivo, e foi a primeira vez que o senhor Scharnowski se deu conta de que estava se deixando aproximar de seu entrevistador.

No final do terceiro mês, estavam tão familiarizados, que o jovem vinha visitá-lo quase todos os dias, e quando não vinha, sempre ligava. Algumas vezes, trazia-lhe presentes, sementes de plantas, vasilhinhos novos, garrafas de vinho e discos antigos. Às vezes, sequer conversavam, passando a tarde ouvindo os discos e bebendo o vinho em silêncio.

Estava acabando o prazo para Martins entregar a matéria ao editor. Não havia começado a escrever uma só palavra e não o faria até ter o desfecho. “Será minha obra-prima”, disse certa vez, com um ar de arrogância que desagradou o senhor Scharnowski. “Bah, filho”, retrucou-lhe, “te entreguei minha vida e tu vais fazer dela um espetáculo”. O jovem desculpou-se, a contragosto, e pôs os olhos sobre o volume de *O velho e o mar* na estante.

– Todo mundo deveria ler Hemingway – disse. – Na faculdade, só se liam livros didáticos e nada que se pudesse levar para a vida.

– Não gostei do final – protestou o senhor Scharnowski.

– Por que não?

– Aquele velho é um idiota.

– E do que gostou então?

– Só do título.

Certo dia, o senhor Scharnowski contou-lhe sobre seu problema com uísque. Contou como estragara sua vida por causa da “maldita aguinha cor de xixi”, e que podia tomar vinho à vontade, que seu alcoolismo não voltava, mas que, se colocasse na boca um gole de qualquer outra bebida, ou mesmo sentisse o cheiro, não poderia mais responder por si. Falou sobre o assalto que sua Mila Chazit sofrera há alguns anos e que terminara por acabar com sua vida, e falou sobre como as ruas eram perigosas, as pessoas cruéis, o mundo perverso. “A vida é pavorosa”, disse ele, num momento de reflexão, “não existe uma forma de viver sem que se esteja condenado ao corredor da morte”. Mas o jovem o contradisse: “Mesmo assim, não posso acreditar que isso nos baste para sentir medo; se eu passar tantos anos pensando na morte, não terei vivido um minuto sequer”. Estavam escorados sobre o parapeito da sacada, observando a movimentação lá embaixo, e então Martins lhe perguntou: “essa é a sua relação com o mundo?”. E o senhor Scharnowski respondeu sem ao menos pensar: “eu e o mundo somos uma relação que nunca deu certo”, disse.

Martins voltou logo após com um colega. “Trouxe o fotógrafo, senhor Scharnowski”, ele avisou da porta, “espero que o senhor esteja arrumado”. Mas o velho se eriçou todo e fechou o cenho. “Nada de fotos”, decretou, e disse que só abriria a porta se tirassem o filme da máquina. “Não tem filme, senhor Scharnowski, é digital”. Então, na manhã seguinte, o senhor Scharnowski foi à sacada no mesmo horário de sempre e, quando olhou para a rua, percebeu um pequeno facho de luz piscar em sua direção. Colocou seus meio-óculos para poder enxergar, ficou vermelho de raiva e gritou.

– Hei! Seu filho da mãe, me deixe em paz!

O fotógrafo correu até onde a vista alcança e sumiu entre as pessoas da avenida que, afinal de contas, eram todas iguais. O senhor Scharnowski sentiu-se traído e, desde aquela manhã, passou a não atender mais as ligações de Martins.

O violino do senhor Scharnowski ainda estava lá, no mesmo lugar onde caíra há mais de três meses. “Putá que pariu!”, pensou ele, “nem para roubarem”. O Stradivarius original havia pousado suavemente sobre dois grandes sacos de areia e continuava intacto, embora tivessem levado a cadeira de praia. O senhor Scharnowski o recolheu como quem levanta do chão um amigo com quem se brigou. Levou-o junto com o arco e os colocou de volta em cima do roupeiro, com a certeza de que jamais sairiam dali outra vez.

Mas como tudo é incerto, naquela tarde, uma ligação fez a vida do velho Scharnowski estremecer outra vez. O telefone tocou, tocou de novo e tocou uma terceira vez, enquanto ele brigava consigo mesmo, relutando em atender qualquer chamada. Na quarta vez, rendeu-se. E do outro lado, uma voz grave e decidida perguntou pelo seu nome, depois disse: “aqui é o editor da revista Retrato, liguei para avisar que Martins faleceu esta manhã”. Então, houve um longo silêncio no telefone e um breve suspiro, e o editor voltou a falar: “achei que deveria ligar para o senhor, Sr. Scharnowski, porque sei que se tornaram amigos”. O velho suspirou também. “Ele lhe disse isso?”, perguntou. “Disse”, respondeu o editor, “a mulher dele pediu que o avisasse, pois durante a madrugada, no hospital, ele chamou o seu nome”. O senhor Scharnowski prendeu o terceiro suspiro. E, quando o editor lhe perguntou se ainda poderiam publicar a matéria de Martins, o senhor Scharnowski grunhiu e respondeu: “tanto faz”.

Constatou-se de pronto que o destino lhe fora terrivelmente irônico – o repórter fora recolhido todo espatifado do meio da rua após um acidente de

carro – e o senhor Scharnowski confrontou-se com a morte outra vez, e até hoje jura que a viu em seu manto negro, com seu rosto pálido e andrógono, a caminhar entre a multidão no caminho entre o velório e o cemitério. Encarou-o com seus olhos escuros e ácidos e sorriu-lhe docemente. Mas o senhor Scharnowski manteve-se sério e altivo e, em pensamento, respondeu-lhe que não tinha mais medo: a morte é rápida e silenciosa como um desmaio por queda de pressão – a vida é que é um risco que assusta. Ele sabia, no fundo de sua alma, que ainda não era sua hora.

Durante o funeral, colegas jornalistas, familiares e amigos contemplavam o silêncio lúgubre, cultivavam uma tristeza imaginária e forçavam lágrimas sinceras. O dia era cinza e chuvoso como é em todos os enterros, um clichê do qual não se escapa jamais. E em meio à quietude mórbida daquele ritual – muitos estavam preocupados com não se atrasar para o almoço –, o choro agudo de cordas rangeu entre as pessoas, como gritos melancólicos de uma velha, e o senhor Scharnowski surgiu entre as pessoas tocando o seu violino com firmeza nas mãos. Todos os colegas repórteres de Martins o fotografaram, e, no dia seguinte, todos os sites da internet publicaram a volta de Vladimir Levi Scharnowski, mas o senhor Scharnowski nunca veio a saber dessas notas a seu respeito, nem pôde recortá-las para guardar.

Ainda assim, algumas semanas depois, ele teria ido à mercearia comprar comida, de manhã bem cedo, antes de o sol tocar a sacada, e o dono da banca de jornais acenou. “Sr. Vlade, o senhor está na capa!”. O velho Scharnowski não entendeu, mas foi até o compadre por curiosidade. O jornalista estava eufórico e, no meio do caminho, já havia erguido nas mãos um exemplar da Retrato, mostrando-o com empolgação. “É o senhor! É o senhor na capa!”. O velho Scharnowski aproximou-se e, nas mãos do jornalista, vislumbrou na capa da revista uma foto sua, de debaixo de seu apartamento, apontando para o fotógrafo e xingando, e abaixo uma única e grande chamada: “O velho e a sacada – uma reportagem póstuma de F. F. Martins”. O senhor Scharnowski sorriu como não fazia há muito tempo.

\* \* \*

Numa noite dessas, com lua cheia e vento quente, o senhor Scharnowski foi até a sacada pensar um pouco sobre a vida e olhou para o mundo lá

embaixo. Seus olhos encontraram os olhos amarelos e solitários do cão pardo, que jazia imponente sobre um saco de lixo revirado. O animal permaneceu imóvel até o momento em que o velho tremeu os lábios e perguntou a ele se estava com fome. O cão balançou o rabo pela primeira vez. O senhor Scharnowski desceu as escadas de roupão e chinelos, prostrou-se à entrada do prédio e chamou-o para dentro. “Hoje tu podes dormir aqui”, disse, e o animal entrou em seguida, como se pudesse entender o que lhe dizia. O senhor Scharnowski serviu um prato com o resto de uma galinhada e o batizou naquele momento: “vais te chamar Martins”.

Passou o resto da noite em sua cadeira de balanço. Naquele dia, ele havia decidido escorrer pelo ralo da pia o resto da garrafa de uísque que escondia atrás do armário de louças. Suas mãos não tremiam mais tanto. Ele tocou seu Stradivarius original como se entoasse uma serenata à cidade e, enquanto sentia as cordas vibrarem em seu ombro, uma lágrima jorrou de dentro de seu coração petrificado, atravessou seu peito até o lado de fora do seu olho esquerdo, escorreu pela face e evaporou. Isso era tudo o que havia restado de lágrimas em vinte anos de apatia. Então, o velho Scharnowski soube, naquele exato momento, que a sua vida estava a salvo do esquecimento, que havia sido eternizada pelas palavras do repórter, e que as duas vidas não tinham enfim sido em vão.

E, então, ele pôde dormir aquela noite sabendo que estava pronto para encontrar Mila Chazit em seus sonhos.

## Graus de Liberdade

*Fernando Joner*

Algo extraordinário estava para acontecer. Logo que se sentou à mesa do café na praça de alimentação, teve essa sensação. Gostava de sentar para tomar café e observar o movimento das pessoas. Na verdade, não eram as pessoas em si que lhe chamavam a atenção, nem mesmo o que falavam ou o que vestiam, mas a forma como se espalhavam pelas galerias e corredores. Gostava de contar em grupos de quantos estavam, a que velocidade caminhavam e que direção tomavam. Não sabia se era na forma como as pessoas se moviam ou agiam naquele dia, mas alguma coisa fora do comum estava acontecendo ou... prestes a acontecer. Às vezes, tinha essas impressões.

Colocou sua bolsa sobre a mesa e dela tirou um notebook. Como a mesa era grande, achou que ali seria um bom lugar para fazer algumas anotações a respeito de sua teoria. Gostava de escrever em locais públicos, em especial, em cafés, onde podia mesclar o gosto de um bom café às impressões que tinha de seus próprios pensamentos.

- O senhor deseja fazer o pedido? Perguntou a garçonete.
- Um expresso.
- Deseja algo para comer?

Max não esperava aquela pergunta. Olhou a moça com certa irritação, tamborilando com o dedo sobre a mesa. Percebeu que sentia um pouco de fome e agora tinha um problema para resolver, tinha que decidir o que iria comer. Maximiliano não sabia escolher. Detestava supermercados, bancas de revista, videolocadoras, lojas de roupas e toda a sorte de locais nos quais deveria fazer uma opção dentre muitas alternativas que para ele ou eram irrelevantes ou cuja dificuldade de escolha, pela infinidade de opções, lhe traria uma angústia maior que a satisfação da compra.

- Quantos itens há no menu de vocês?
- A moça franziu um pouco o cenho:
- Como disse?

– Você pode me trazer o menu?

A moça respondeu cordialmente, mas com uma expressão de estranhamento. Retirou-se para retornar logo em seguida com o cardápio. Deixou-o sobre sua mesa e foi atender outro cliente. Max olhou o menu e contou o número de itens, havia dezesseis opções diferentes dentre as quais poderia escolher algo para comer: de pão de queijo a tortas. Maximiliano levantou a tela de seu computador e abriu uma planilha de dados, numerou dezesseis linhas da primeira coluna, digitou algumas fórmulas e logo surgiram dezesseis números do menu, completamente fora de ordem: 15,1,7,9,5,11,2,3,12,6,8,10,14,13 e 4. Olhou o menu onde leu “15 risoles de frango”.

– Seu café, senhor.

– Obrigado, eu vou querer um risoles de frango.

– Ah, desculpe, estamos em falta.

Não pode disfarçar a insatisfação, pois o risoles já lhe apetecia. Olhou a tela de seu computador e retornou ao menu.

– Então vou querer um pão de queijo.

– Já trago para o senhor.

A moça retirou-se para trás do balcão de onde, desde antes, já observava aquele estranho jovem de cabelos desgrenhados e barba por fazer. Carregava aquela bolsa cafona marrom de couro. Movia-se de uma forma estranha, os braços permaneciam inertes ao longo do tronco enquanto caminhava, como se não estivesse em harmonia com o resto do corpo. Parecia alocar toda sua destreza na difícil tarefa de equilibrar sua grande cabeça. Desengonçado, havia parado no meio da praça de alimentação, tomou uma direção, mas, após alguns passos, parou e retornou, como se subitamente tivesse se lembrado de algo. Veio então na direção do café, sacudindo a cabeça e balbuciando palavras em algum tipo de discussão que tratava consigo mesmo. E agora estava lá, tomando seu café, observando as pessoas, falando sozinho e escrevendo alguma coisa em seu computador.

Gostava de escrever em locais públicos, pois sempre havia a possibilidade, ainda que remota, de encontrar algum conhecido ou mesmo um desconhecido, com quem poderia debater suas ideias. Sabia que dificilmente alguém iria se aproximar dele enquanto trabalhava para lhe perguntar sobre o que escrevia ou o que pensava, mas a fantasia de uma discussão acirrada durante um café

ou a percepção de que chamava a atenção das pessoas, tal qual um gênio louco, lhe serviam de inspiração. Como nunca lhe chegava alguém, tanto um conhecido, que coincidentemente estivesse passando, e muito menos algum estranho, passava a fantasiar uma conversa com alguém. Às vezes, imaginava que alguém, algum senhor sentado próximo a ele começasse uma conversa, outras vezes imaginava encontrar um amigo de universidade para discutir suas teorias. Desta vez foi um amigo muito querido que visitou sua imaginação.

Imaginou que Marcel havia lhe visto e viera ao seu encontro.

“Max, como está?” teria lhe dito. “Bem”, responderia.

“Como vai o desenvolvimento da sua tese? Ainda pensando nas aplicações sociais dos seus experimentos?”

“Infelizmente, sim”, responderia.

“Infelizmente?”

“Veja bem, Marcel, no fundo são apenas loucuras da minha cabeça e fico aqui perdendo meu tempo com essas brincadeiras mentais ao invés de trabalhar na minha tese sobre o grau de organização do arranjo espaço-temporal de partículas. E eu fico aqui, fazendo tolas analogias com a distribuição e o comportamento das pessoas, quer dizer, aonde tudo isso vai me levar? Faltando meio ano para a defesa da minha tese, não deveria eu estar escrevendo dia e noite sobre mecânica estatística ao invés de ficar brincando sobre o comportamento das pessoas?”. Marcel teria escutado com toda sua paciência. “Além disso, Marcel”, continuaria Max, “A culpa é um pouco sua. Você fica aí me enchendo a cabeça com todas essas questões morais, sociais, políticas e não sei mais o que. Vocês, sociólogos, filósofos, humanistas, me deixam louco. Aliás, nem minha imaginação você deixa em paz”.

Marcel teria escutado com aquele sorriso sarcástico estampado na cara divertindo-se com as queixas do seu amigo físico.

“Ah, claro. Está acostumado com a simplicidade dos seus cálculos matemáticos”, brincaria Marcel, “os resultados estão sempre certos ou errados! Assim é fácil”.

“Claro, e assim é que deve ser. Existe uma solução lógica para os problemas. As respostas estão corretas, incorretas, ou então não há uma solução. Entretanto, dilemas morais são simplesmente descabidos de lógicas. Talvez sequer sejam problemas de fato”.

Um breve silêncio dar-se-ia em sua conversa.

“Parece um pouco cabisbaixo, amigo. Está desanimado com o projeto?”

“Nem me fale. Recebi, alguns dias atrás, a resposta dos editores da revista de física, meu artigo foi rejeitado.”

“Que lástima!”

“Eu não sei mais o que fazer com este artigo”, responderia Maximiliano revoltado. “Se eles soubessem o trabalho que eu tive, meses de experimentação, depois um ano, um ano inteiro escrevendo esse artigo em língua inglesa. E, para quê? Para um revisor de má vontade dar uma olhada em cinco minutos para tomar a decisão de rejeitar”.

“Calma, Max. Você está revoltado.”

“Revoltado! Eu passei os últimos seis meses conferindo diariamente meus e-mails, diariamente! E aí...” fez uma pausa, cabisbaixo, “na última terça-feira, estava lá o e-mail que eu tanto esperava. É claro que eu sabia que eles poderiam rejeitar o artigo, mas, mesmo assim, fiquei decepcionado”.

“Puxa, mas, alguns meses atrás, você estava bastante animado com o projeto. Lembro de todo seu entusiasmo enquanto me explicava as teorias envolvidas e, do pouco que eu posso compreender, como leigo no assunto, pareceu-me bastante interessante.”

“Eu não sei, Marcel. Simplesmente perdi o interesse pelo meu trabalho. Quero dizer, no fim das contas, a que vai me levar tudo isso? Qual a importância de explicar o grau de organização de sistemas? Estou frustrado comigo mesmo. Quero dizer, com a minha idade eu já esperava que tivesse publicado mais coisas, contribuído mais com teorias e ideias novas.”

“Não acha que lhe tem demais em conta?”

“Eu?”

“No íntimo, você acha que vai produzir algo grandioso, que vai revolucionar como Newton, Marx Plank, Einstein. Caia na real, amigo.”

“Olha, amigo. Você reclama, reclama, reclama, mas, pelo menos, existe! E quanto a mim? Eu sequer existo, sou apenas fruto de sua imaginação.”

Maximiliano seguia em seus pensamentos, fantasiando sobre o que lhe diria o amigo, que logo perceberia a gravidade de sua situação. Que logo notaria suas olheiras de noites mal dormidas e da falta de alegria e jovialidade

que até pouco tempo atrás lhe eram bem características.

“Mas o que você tem, afinal?”

“Algumas coisas estão me perturbando há alguns dias, estou até meio doente, mas não se preocupe, eu vou resolver, vou resolver.”

“Por que não me fala?”

“Não sei se posso, depois vai me estigmatizar.”

“Ah.. Maximiliano Random, sabe que não sou de julgar”.

“Na realidade, faz alguns dias que estou querendo lhe contar algumas coisas. Sabe que lhe tenho em autoestima, é racional e entende dessas questões referentes à moral das quais eu, francamente, não sei se não entendo ou simplesmente não quero entender. Bem, sem muitos rodeios vou lhe contar as coisas que têm me acontecido. Sabe que, em mecânica estatística, podemos prever o comportamento dos sistemas com base nas características dos elementos desses sistemas, isto é, se sabemos a quantidade de energia de um sistema, a massa e o volume, podemos precisar qual será seu estado no tempo futuro. Antes que te aborreças com minhas bobagens, como já lhe havia explicado, acredito que poderíamos aplicar esses princípios e pressupostos a sistemas macroscópicos ao grau de organização de sistemas biológicos e, se me permite, à sociedade humana e à história. Sim, acredito que há uma ordem no curso dos eventos, as “coisas” parecem convergir para determinados estados... isto é, se, por exemplo, pudéssemos aqui saber a localização de cada pessoa nesta galeria, a direção que tomam e a que velocidade se deslocam, poderíamos prever que aquela mulher vai esbarrar naquela criança daqui a meio minuto. Ou ainda, se tivéssemos mais variáveis, poderíamos prever que aquela mesma criança vai derrubar uma bola de sorvete no piso, um funcionário irá limpar o local que ficará escorregadio. Então aquele senhor que está sentado lá adiante, que estará passando pelo local, irá resvalar e fraturar o braço. Marcel, não me faça essa sua cara de deboche, pois eu não estou falando de destino, nem de qualquer tipo de “divina providência”, estou falando de auto-organização!”.

“Bom, já conheço sua teoria, aonde quer chegar?”

“Pois bem, quando ando na rua, fico pensando sobre isso, imaginando uma forma de descrever os eventos e de tentar prever os acontecimentos, mas, na semana passada, eu estava muito mal, já bastante desiludido por contra da resposta do editor da revista. Eu era apenas uma sombra de mim

mesmo perambulando pelas ruas sem ânimo para me dedicar à tese. E, então, aconteceu. Eu estava parado na calçada para atravessar a avenida na faixa de segurança, o trânsito estava aquele inferno e as pessoas começavam a se aglomerar ao meu redor para atravessarem quando o sinal abrisse para os pedestres. Percebi então que uma senhora me acotovelava para ganhar espaço ao meu lado. Irritado, olhei o rosto daquela velha. Conhecia-a de algum lugar, não sabia de onde, mas tinha certeza de que não gostava dela. A imagem daquele rosto me trazia uma sensação muito ruim e, então, me lembrei. Alguns anos atrás, eu ainda fazia o bacharelado em física aqui na capital, mal tinha dinheiro para o transporte, contava as moedinhas até para um cafezinho... Eram tempos difíceis, não que agora esteja muito mais fácil, mas, naquela época, sem o dinheiro da bolsa, tinha de contar o dinheiro dentro do supermercado pensando nos dias seguintes. Vivia de biscoitos e macarrão instantâneo (minha especialidade até hoje). Pois bem, em uma sexta-feira de um fim de mês terrível, eu estava sem dinheiro para retornar à cidade dos meus pais, onde eu costumava passar os finais de semana. Lembrei-me de um livro seminovo, que pouco usei, um livro caro que há tempos já pensava em vender. Peguei o livro e tomei o rumo da rodoviária. Perto da rodoviária, havia aquele sebo, aquela loja de livros usados."

"Havia? Ainda há, já comprei algumas coisas lá", corrigir-lhe-ia o amigo.

"Pois não há mais. Está fechada por motivo de luto".

"Luto?"

"Luto! Já lhe digo o porquê. Fui até aquela loja com o intuito de vender o tal livro. Se me comprassem o livro por qualquer mixaria, eu teria dinheiro para comprar a passagem para a cidade dos meus pais, caso não conseguisse, iria passar o final de semana aqui na capital mesmo. Entrei naquele muquifo com o livro na mão e alguma esperança no coração. E lá, no meio daquela montoeira de livros velhos e poeira, estava aquela velha asquerosa. Entrei, um pouco tímido, sentindo-se como se fosse um indigente prestes a mendigar-lhe algumas moedas. A velha calculava algumas coisas e, sem querer tirar seus olhos dos seus rabiscos, perguntou o que eu queria. Disse-lhe que tinha um livro para lhe mostrar, o qual gostaria de lhe vender. Ela pegou o livro sem muito interesse, olhou a capa, abriu, folheou por alguns instantes e me devolveu dizendo que não tinha interesse. Sequer me olhou. Eu sabia que poderia não vender o livro, mas fiquei muito decepcionado. Saí da loja e perambulei pelas ruas por um tempo, como se uma solução mágica fosse

aparecer de repente. Tomei o caminho de volta e passei o final de semana trancado no cubículo que eu alugava. Lembrava do rosto seboso daquela velha nojenta e sentia muita raiva.”

“É estranho como as coisas às vezes parecem convergir para um resultado não só previsível, mas até óbvio. Parece que a cadeia de eventos segue um curso inexorável, ainda que seja resultado do acaso. E, por puro acaso, na semana passada, reencontrei aquela senhora parada ao meu lado, com aquela mesma cara asquerosa e sebosa de alguns anos atrás. Comecei a me perguntar qual seria o motivo de tê-la encontrado naquele dia. Isto é, para onde as coisas estavam convergindo? Onde nos levaria o misterioso curso da história? As respostas estavam pululando em algum lugar da minha mente, como se de alguma forma eu já soubesse. Lembrei-me de um comportamento curioso que as pessoas desenvolvem quando agrupadas, o comportamento da mímica. É preciso ter cuidados em sinais de pedestres, muitas vezes, quando estamos esperando uma oportunidade para atravessar a rua e estamos distraídos e alguém se põe a atravessar a rua correndo, temos o ímpeto de fazer o mesmo. É um comportamento instintivo, que deve ter aparecido no curso da evolução para nos tornar mais competitivos, mas, enfim, por que eu havia me lembrado disso justamente naquele momento? Vi então que um caminhão se aproximava em grande velocidade, bem próximo ao calçamento. Havia muito barulho na rua, o trânsito estava um inferno e a velha estava distraída procurando alguma coisa dentro da sua bolsa. Foi naquele momento que percebi para onde a história convergia, já estava determinado, eu não tinha escolha a fazer, pareceu-me ser a única coisa a ser feita. Ameacei correr para o outro lado e a velha, instintivamente deu um passo, seu derradeiro passo. O caminhão parou uma dezena de metros adiante e o corpo da velha estava estirado no meio da rua, com o crânio rachado vertendo o sangue que formava uma grande poça naquele asfalto quente. Eu fiquei parado, tremendo como estou agora, neste instante, enquanto imagino te contar tudo isto. As pessoas logo se avolumaram ao redor do corpo, o trânsito ficava pior a cada instante por culpa da mórbida curiosidade dos motoristas e pedestres. Saí logo dali, ao longe, já ouvia a sirene da ambulância.”

“Não me olhe assim, Marcel, eu sei, aliás, eu não sei mais nada. No fundo não fui eu. Eu não fiz “aquilo”, as coisas simplesmente... aconteceram! A história converge, auto-organiza-se para certas situações de menor entropia. Dados os degraus de liberdade de um sistema, ele converge para um determinado estado. Eu sou apenas um elemento nisso tudo. Assim como...”

como as pessoas nesta praça de alimentação. Veja aquele segurança ali, por exemplo, está caminhando apressadamente em direção àquele outro. Por quê? Está contando alguma coisa e parece bastante preocupado. Viu como eles olham para todos os lados e comunicam alguma coisa pelo rádio. Alguma coisa séria está para acontecer, aposto com você que assaltaram a joalheria da galeria. Se eles soubessem, se calculassem, que a saída mais óbvia dos assaltantes é aquela saída para o estacionamento, poderiam pegá-los tomando aquele corredor ali, um atalho, e os pegariam na saída.”

De trás do seu balcão, a garçonete ainda observava aquele estranho sujeito. Que olhava para os lados, gesticulava e falava sozinho. Como se alguém estivesse sentado no banco a sua frente.

“Vê, Marcel, meu amigo? Alguma coisa está prestes a acontecer, alguma coisa da qual não podemos escapar. Não me acredita? Pois vou lhe provar”. A mente de Maximiliano insistia em sua fantasia. Percebeu que algo deveria ser feito. Ele se levantou, deixou para trás seu computador e o café e correu galeria adentro para enfim corroborar suas hipóteses. No final da galeria, estavam dois sujeitos encapuzados saindo de costas pela porta que levava ao estacionamento. Maximiliano Random já percebia agora que desfecho teria o curso dos eventos. Um dos assaltantes percebeu aquele gigante desengonçado correndo em sua direção. Sem hesitar, disparou quatro tiros e correu porta afora.

As pessoas o acudiram com rapidez, mas não havia nada a ser feito pelo jovem que agonizava no chão da galeria. Tinha um sorriso bobo nos lábios, o olhar perdido e balbuciava algumas palavras:

– Não lhe disse, Marcel...

# COMISSÕES

## CONCURSO LITERÁRIO DE NOVO HAMBURGO

O evento é uma atividade em parceria entre a SECULT – Secretaria Municipal de Cultura de Novo Hamburgo, a Universidade Feevale e a Escola Conquistadora.

### COMISSÃO ORGANIZADORA

Dr.<sup>a</sup> Anita Lucas de Oliveira

- *Secretária de Cultura de NH - SECULT*

Prof.<sup>a</sup> Marilza Kreche Bitencourt

- *SECULT*

Dr.<sup>a</sup> Marinês Andreia Kunz

- *Coord. do Curso de Letras - Universidade Feevale*

Me. Rosemari Lorenz Martins

- *Universidade Feevale*

Prof.<sup>a</sup> Tereza Dela Pace

- *Diretora da Escola Conquistadora*

Prof.<sup>a</sup> Vilmara Müller Feksa

- *Coordenadora Pedagógica - Escola Conquistadora*

## **COMISSÃO JULGADORA**

Dr. Juracy Ignez Assmann Saraiva

- *Universidade Feevale*

Dr.<sup>a</sup> Marinês Andreia Kunz

- *Universidade Feevale*

Me. Rosemari Lorenz Martins

- *Universidade Feevale*

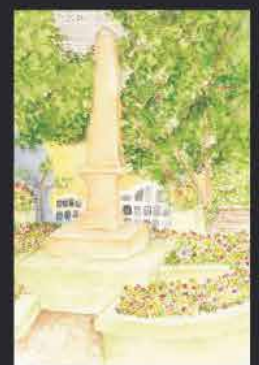
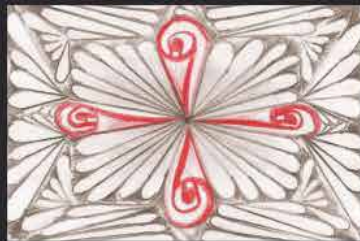
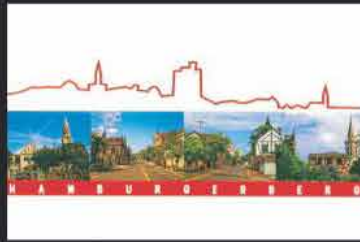
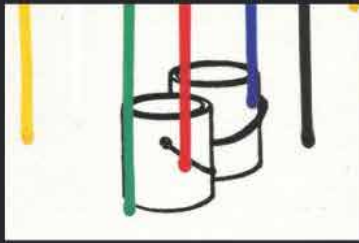
Prof.<sup>a</sup> Edilaine Vieira Lopes

Prof.<sup>a</sup> Márcia Weber

- *Escola Conquistadora*

Prof.<sup>a</sup> Vilmara Müller Feksa

- *Escola Conquistadora*



PREFEITURA DE  
**NOVO HAMBURGO**  
ADMINISTRAÇÃO POPULAR  
Secretaria Municipal  
de Cultura  
SECULT

 **UNIVERSIDADE  
FEEVALE**

